

CELESTINO TOMÁS TAVARES TEIXEIRA

**A INDISCIPLINA NA SALA DE AULA – Um estudo centrado numa
escola caboverdiana.**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO PORTO – IPP

Orientador: Prof. Doutor Paulo Delgado

Porto

2013

CELESTINO TOMÁS TAVARES TEIXEIRA

**A INDISCIPLINA NA SALA DE AULA – Um estudo centrado numa
escola caboverdiana.**

Projeto apresentado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto para obtenção do grau de mestre.

Administração das Organizações Educativas.

Orientador: Prof. Doutor Paulo Delgado

2013

Agradecimentos

Á Escola Superior de Educação do Porto, que me permitiu através do seu corpo docente, adquirir e consolidar conhecimentos.

Ao meu orientador Professor Doutor Paulo Delgado, pela disponibilidade, auxílio e prontidão com que sempre me orientou.

Á minha irmã pela disponibilidade e pela colaboração nesse projeto.

Aos professores e alunos da ESRS pelo preenchimento do questionário.

Por último, mas não menos importante, á minha filha e á minha esposa, pelo apoio, carinho e compreensão disponibilizada e pelo encorajamento.

Resumo

Este trabalho desenvolve uma reflexão sobre a indisciplina na sala de aula, numa escola secundária na cidade da Praia – Cabo Verde. Inicialmente discute-se o conceito de disciplina e indisciplina, considerando as suas diferentes abordagens, bem como os diversos fatores que as promovem. Destaca-se também o enfoque preventivo como estratégia mais adequada para redução da utilização de medidas sancionatórias, concretamente a ordem de saída da sala de aula. Por outro lado, analisa algumas estratégias de intervenção corretiva da indisciplina na sala de aula.

Este trabalho procura caracterizar a situação de indisciplina na sala de aula, do 3º ciclo do ensino básico da Escola Secundária Regina Silva, nomeadamente as suas causas e consequências, tipos de incidentes disciplinares e formas de intervenção dos professores com vista a interromper comportamentos indisciplinados. Procura também identificar os comportamentos que motivam a utilização da ordem de saída da sala de aula, por parte dos professores.

Finalmente, procura-se elencar um conjunto de estratégias preventivas que podem contribuir para a redução da utilização de medidas disciplinares sancionatórias, enfatizando a necessidade do desenvolvimento de diálogo, de atividades que proporcionam maior aproximação entre professor e aluno e a realização de mais espaços formativos e de debates.

Palavras-chave: Disciplina; indisciplina; prevenção; correção;

Abstract

This work develops a reflection on indiscipline in the classroom, a secondary school in Praia - Cape Verde. Initially we discuss the concept of discipline and indiscipline, considering their different approaches, and the various factors that promote them. Also noteworthy is the preventive approach as most appropriate strategy for reducing the use of sanction measures, namely the output order of the classroom. On the other hand, looks at some strategies for corrective surgery of indiscipline in the classroom.

This paper seeks to characterize the situation of indiscipline in the classroom, the 3rd cycle of basic education Silva Regina High School, including its causes and consequences, incident types and forms of disciplinary action by teachers in order to stop unruly behavior. It also seeks to identify the behaviors that motivate the use of exit order of the classroom by teachers.

Finally, looking to list a set of preventive strategies that can help reduce the use of disciplinary sanctions, emphasizing the need to develop dialogue activities that provide greater closeness between teacher and student and conducting more training spaces and debates.

Keywords: Discipline; indiscipline; prevention; correction;

Índice Geral

INTRODUÇÃO	11
• Objetivos relacionados com o conhecimento da realidade	14
• Objetivos relacionados com a transformação da realidade	14
1. Enquadramento teórico.....	15
1.1. Conceito de disciplina	15
1.2. Conceito de Indisciplina.....	16
1.3. Diferentes abordagens da indisciplina	19
1.4 Fatores que contribuem para a promoção da indisciplina.....	21
1.4.1 Fatores relacionado com o professor	23
1.4.2 Fatores inerentes ao aluno	25
1.4.3 Fatores sociais e familiares	25
1.4.4 Fatores inerentes á instituição educativa	26
2. A gestão da indisciplina na sala de aula	27
2.1 Prevenção da indisciplina na sala de aula.....	30
2.1.1 Gestão da sala de aula.....	31
2.1.2 Definição das regras	34
2.1.3 Relação Pedagógica.....	36
2.2 Gestão corretiva da indisciplina.....	40
2.2.1 Correção pela integração/ estimulação	42
2.2.2 Correção pela dominação/imposição	43
2.2.3 Correção pela dominação/ressocialização.....	43
2.2.4 Outras estratégias de correção de indisciplina.....	43
2.2.4.1- A Intervenção de base	44
2.2.4.2- Intervenção por sinais	45
2.2.4.3 Chamar à ordem.....	45
2.2.4.4 O momento de retirar o aluno da sala de aula	45

2.2.4.5 Contrato de comportamento	46
3. Enquadramento legal cabo-verdiano para a indisciplina na escola e na sala de aula	47
3.1 Medidas disciplinares sancionatórias	49
Capítulo II.....	51
4. Contextualização.....	51
4.1 Caracterização da escola objeto de estudo	51
5. Trabalho empírico	55
5.1 Objetivos específicos da investigação empírica	55
5.2. Metodologia	55
5.3. O público alvo.....	56
5.4. Técnicas de recolha de dados.....	56
5.5. Técnicas de análise de dados	57
5.6. Aplicação do questionário	57
5.6.1 Alunos inquiridos	57
5.6.2. Análise dos dados obtidos através da aplicação do questionário aos alunos	58
5.6.3. Causas e consequência da indisciplina.....	61
5.6.4. População docente inquirida	62
5.6.5. Conceito de indisciplina.....	64
5.6.6. Comportamentos que motivam a ordem de saída dos alunos da sala.....	71
5.6.7. Prática pedagógica.....	72
5.6.8. Prevenção da indisciplina na sala de aula	74
Capítulo III	75
6. Plano de ação.....	75
6.1. Avaliação das atividades	82
6. 2. Avaliação do plano de ação.....	83
Conclusão.....	85

Referências bibliográficas	88
Apêndices	I

Índice de tabelas

Tabela 1: Caraterísticas da população servida pela escola.	51
Tabela 2: Distribuição da população segundo sexo e nível de instrução.	52
Tabela 3: Medidas disciplinares adotadas pelos professores.	60
Tabela 4: Género versus recebeu ordem de saída.	61
Tabela 5: Causas de indisciplina.	61
Tabela 6: Consequências da indisciplina.	62
Tabela 7: Conceitos de indisciplina.	65
Tabela 8: Causas da indisciplina segundo os professores.	66
Tabela 9: Consequências da indisciplina.	68
Tabela 10: Avaliação da utilidade das leis segundo os professores.	68
Tabela 11: Procedimentos adotados pelos professores para interromper o comportamento perturbador.	69
Tabela 12: Género versus ordem de saída da sala.	70
Tabela 13: Tempo de serviço versus ordem de saída.	71
Tabela 14: Estratégias que os professores preveem na planificação e preparação das aulas para prevenirem a indisciplina.	72
Tabela 15: Estratégias que os professores referem utilizar no início ou durante o desenvolvimento da aula para prevenir situações de indisciplina.	73

Índice de gráficos

Figura 1: Género.....	58
Figura 2: Género dos docentes.	62
Figura 3: Faixa etária.....	63
Figura 4: Habilitações académicas.....	63
Figura 5: Vínculo profissional.	64
Figura 6: Tempo de serviço.	64

Índice de apêndices

Apêndice I: Questionários.....	II
Apêndice II: Carta ao diretor da escola.	XV

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas as alterações que se verificaram na sociedade em geral e no sistema educativo em particular, implicaram também mudanças na escola. Essas alterações trouxeram um conjunto de problemas, entre eles se destaca a indisciplina.

Esta, é um fenómeno que não é novo. Trata-se de um fenómeno multifatorial presente atualmente em diversos níveis de ensino e a sua gestão por parte do professor torna-se um desafio cada vez maior para o processo ensino-aprendizagem.

A indisciplina na sala de aula, pela dimensão que tem vindo a adquirir, apresenta-se hoje como um dos maiores problemas da escola atual, e um dos problemas que mais aflige os professores, designadamente pela “intensidade e a amplitude que esse fenómeno atingiu a escola nos nossos dias” (Carita e Fernandes, 2002, p. 10).

Neste sentido, pode-se dizer que o comportamento de certos alunos, é sem dúvida um problema que perturba toda comunidade educativa.

A indisciplina na sala de aula é um fenómeno que aflige diversos níveis de ensino em várias escola e as intervenções no sentido de a resolver nem sempre são as mais acertadas provocando problemas como o que propomos analisar neste trabalho: **A utilização excessiva da ordem de saída da sala dos alunos que praticam atos de indisciplina por parte dos professores da escola secundária Regina Silva – cidade da Praia em Cabo Verde.**

.A indisciplina na sala de aula tem assumido proporções que urge refletir e adotar medidas enérgicas no sentido de reduzir o seu impacto. Sendo assim, há a necessidade de, quer na escola ou em sala de aula, ter capacidade para antecipar os acontecimentos, ou seja, torna-se necessária uma gestão preventiva como forma de minimizar a utilização de medidas sancionatórias, em particular a “ordem de saída da sala”.

Nesta linha de pensamento, surge a nossa pergunta: **“Como prevenir a indisciplina de modo a contribuir para a diminuição do recurso a medidas sancionatórias e corretivas”?**

Para respondermos à nossa pergunta, dividimos o nosso trabalho em três capítulos: Capítulo I enquadramento teórico e legal e capítulo II parte empírica e capítulo III plano de ação.

No capítulo I fizemos a revisão bibliográfica para definir os conceitos que nos permitam analisar o nosso problema e interpretar os dados empíricos recolhidos.

No enquadramento teórico, começamos por definir os conceitos de disciplina e indisciplina, abordamos as diferentes abordagens da indisciplina e tentamos identificar os principais fatores que contribuem para a indisciplina na sala de aula, relacionados com o professor, inerentes ao aluno, sociais e familiares e inerentes à instituição educativa.

Seguidamente, procedemos à abordagem teórica da gestão da indisciplina, gestão preventiva e corretiva. Sobre as estratégias que podem contribuir para a prevenção da indisciplina na sala de aula fazemos referência à necessidade de fazer uma gestão adequada da sala de aula por parte do professor, no plano da relação pedagógica, na importância do papel desempenhado pelas regras bem definidos e coerentes, na construção de um bom clima relacional e disciplinar, na importância da comunicação pedagógica que se estabelece entre o professor e aluno, na valorização do espaço e tempo, no desenvolvimento do autoconhecimento do professor e conhecimento do aluno. Em relação à gestão corretiva da indisciplina, mencionamos a correção pela integração/estimulação, correção pela dominação/imposição e correção pela dominação/ressocialização. Referimo-nos também às outras estratégias de correção de indisciplina como intervenção de base, intervenção por sinais, chamar a ordem, momento de retirar o aluno da sala e o contrato de comportamento.

Por último abordamos o quadro legal Cabo-verdiano sobre a indisciplina fazendo referência às diferentes medidas disciplinar e destacando a ordem de saída da sala como uma medida disciplinar sancionatória.

No segundo capítulo, correspondente ao estudo empírico começamos por apresentar os objetivos específicos, a metodologia adotada, técnica de recolha e análise de dados, a caracterização da população investigada. No último ponto, deste capítulo apresentamos os dados obtidos através da aplicação do questionário, onde procuramos fazer a nossa leitura e interpretativa dos mesmos. Para tal sempre que necessário e possível, para reforçar a interpretação dos dados, procuramos fazer referência aos conceitos constante no enquadramento teórico deste trabalho.

No terceiro e último capítulo, apresentamos um plano de ação para a prevenção da indisciplina onde mostramos algumas estratégias possíveis para prevenir a indisciplina de modo a contribuir para a diminuição do recurso a medidas sancionatórias e corretivas. No último ponto deste capítulo elucidamos as estratégias de prevenção a desenvolver na escola objeto de estudo.

Finalizamos com a conclusão, onde apresentamos um resumo dos principais resultados do estudo.

De muitos temas que poderiam ser analisados, escolhemos a indisciplina na sala de aula, uma vez que diariamente a escola de uma forma geral e os professores em particular enfrentam inúmeras dificuldades. De entre elas, destaca-se a indisciplina na sala de aula que, como refere Picado (2009), os professores mencionam este problema como um dos aspectos mais difíceis e perturbadores para quem leciona. A indisciplina é um problema que merece uma profunda reflexão e uma procura de medidas alternativas que possam ajudar a escola a prevenir, minimizar ou resolver esse problema. Trata-se de um fenómeno complexo que perturba o ambiente escolar e o processo de ensino e aprendizagem.

Estamos, pois, perante um assunto pertinente, muitas vezes discutido, porém ainda persiste um pouco por todo lado, em diversas escolas e diferentes níveis de ensino. Tem surgido nos últimos anos um volume considerável de trabalhos sobre a indisciplina, fato que prova a importância e as preocupações que este fenómeno tem causado no seio dos investigadores, mas também, nos professores, gestores de estabelecimentos de ensino e todos aqueles que de uma forma ou de outra se interessam pelos problemas da educação. O referido problema perturba o funcionamento das aulas, rouba tempo e energias. Neste sentido, torna-se importante qualquer iniciativa no sentido de combater esse fenómeno, pois interfere diretamente no clima da escola e conseqüentemente no processo de ensino/ aprendizagem.

As razões que motivaram a escolha deste tema são as seguintes:

- O fato de termos observado o quotidiano escolar e das inúmeras queixas dos profissionais da escola, sobretudo os professores sobre a necessidade de estudar o problema, a fim de indagar conhecimentos e estratégias que lhes auxiliem na prevenção e resolução do mesmo.

- O fato de termos constatado, com certa preocupação, que esse problema nem sempre é solucionado da melhor maneira pela escola ou pelos professores, uma vez que estes, repetidas vezes, recorrem à ordem de saída dos alunos da sala de aula como forma de punição, não se preocupando em conhecer as razões do comportamento indisciplinado dos alunos, nem com as conseqüências das medidas punitivas adotadas, tanto no presente como no futuro, quer para a escola quer para a sociedade. Esse fato contribuiu decisivamente na escolha deste tema.

- Reconhecimento da pertinência do assunto, uma vez que a indisciplina interfere diretamente no processo ensino aprendizagem, pois, pretendemos com esta pesquisa contribuir para o aprofundamento do assunto bem como propor medidas e estratégias para o combate e prevenção do problema.

- Como estudante de Administração das Organizações Educativas, pensamos ser relevante conhecer as formas adequadas de resolução de questões que afetam o cotidiano das instituições educativas.

Com a realização deste trabalho pretendemos alcançar os seguintes objetivos gerais:

- **Objetivos relacionados com o conhecimento da realidade**

- Conhecer as diferentes abordagens teóricas da indisciplina na sala de aula;

- Conhecer os fatores que possam promover a indisciplina na sala de aula;

- Saber quais são as formas de prevenção da indisciplina na sala de aula;

- Conhecer as formas de correção da indisciplina na sala de aula;

- Conhecer a concepção dos professores sobre a indisciplina na sala de aula e o modo como procuram geri-la.

- **Objetivos relacionados com a transformação da realidade**

- Propor medidas e estratégias que auxiliem os professores na gestão preventiva da indisciplina na sala de aula.

- Propor medidas e estratégias adequadas que auxiliem os professores a aplicar medidas disciplinares alternativas à expulsão nos processos de gestão da indisciplina na sala de aula.

Capítulo I

1. Enquadramento teórico

Atualmente, um dos grandes desafios enfrentados por quem se dedica ao estudo do fenómeno da indisciplina na sala de aula, consiste precisamente na definição deste conceito, que tende a assumir significados distintos dependendo do contexto no qual ele é empregado.

Nos últimos anos, com o agravamento do fenómeno da indisciplina na escola e na sala de aula e o crescente destaque que vem ganhando seja nos meios de comunicação social ou no campo de pesquisa científica, tornou-se cada vez mais pertinente a clarificação do conceito.

1.1. Conceito de disciplina

Uma rápida incursão por alguns estudos sobre o fenómeno em estudo, permitiu-nos esclarecer os conceitos de disciplina e indisciplina.

A indisciplina na sala de aula, pela dimensão que tem vindo a adquirir, “constitui atualmente, (...) o problema mais grave que a escola de hoje enfrenta” (Estrela 2002, p.109). Trata-se de um fenómeno complexo, que ocupa cada vez maior espaço e tempo no quotidiano escolar. Este fenómeno tem-se tornado um enorme desafio para a escola, de um modo geral e para os professores em particular, constituindo um grande obstáculo ao desenvolvimento do seu trabalho e ao bom relacionamento entre os elementos que ali atuam.

Sendo assim, é o desejo de todos que haja na escola o respeito pelos outros, respeito pelo património e o cumprimento das regras e normas estabelecidas. Isto é, que haja disciplina. Conforme recorda Estrela (2002), o conceito de indisciplina relaciona-se intimamente com o de disciplina.

Ao longo do tempo a palavra disciplina vem sendo marcada por uma grande polissemia. Essa afirmação pode ser confirmada no dicionário de língua portuguesa de Costa e Melo (1991), onde são apresentados vários significados para a palavra disciplina: “Conjunto de leis ou ordens que regem certas coletividades; instrução e educação dadas por um mestre a seu discípulo; conjunto de conhecimentos especiais que se processam em cada

cadeira de um estabelecimento escolar; autoridade; boa ordem e respeito; castigo; obediência. Portanto, disciplinar é sujeitar á disciplina; corrigir; fazer obedecer; castigar com disciplinas” (p. 553).

No seu sentido mais habitual, a disciplina parece significar um conjunto de regras, que regulam a vida dos indivíduos em uma dada instituição. Todavia, como afirma Estrela (2002), ao longo do tempo a palavra passou a ser marcada por várias conotações e hoje, quando falamos em disciplina, tendemos a evocar não só as regras e a ordem delas provenientes, como os castigos resultantes do seu incumprimento e o conseqüente sofrimento que elas causam. Por isso, de acordo com a mesma autora, para muitos o conceito adquiriu um sentido algo depreciativo.

Os conceitos em foco estabelecem uma relação entre disciplina e submissão, obediência às normas ou regras de convivência. Nesta perspectiva, a disciplina é vista como obediência a um conjunto de normas e, sobretudo, como pré-requisito para o bom funcionamento da coletividade e bom aproveitamento do que se ensina na escola.

Segundo Amado (2000), disciplina é autodomínio, ordem interior e exterior, liberdade responsável, condição de realização pessoal e coletiva. Ainda de acordo com Ferreira (citado por Amado, 2000), a disciplina é o comportamento humano controlado por decisão própria, à luz de princípios e valores, com vista à realização de princípios, valores, ideias e projetos.

Esses conceitos apostam numa disciplina não imposta por regras, normas exteriores e medo de castigos, mas sim, inspirada pela procura do equilíbrio, da autonomia, autocontrolo interno, autodisciplina como condição para realização pessoal do aluno.

A disciplina é fundamental em qualquer organização, e a organização escolar não foge à regra. Ela é essencial na educação, uma vez que diz respeito á observância das regras e normas de convivência na escola e na sala de aula.

Estrela (2002) ressalta a evolução do conceito de disciplina, em que passámos de uma disciplina, inicialmente imposta para uma disciplina consentida e para uma autodisciplina.

1.2. Conceito de Indisciplina

O conceito de indisciplina surge a partir de disciplina, uma vez que, normalmente, a indisciplina “tende a ser definido pela sua negação ou privação ou pela desordem proveniente das regras estabelecidas” (Estrela, 2002, p.17).

Na verdade, conceituar a indisciplina não é uma tarefa fácil, já que está envolvido "um conjunto de fatores multidisciplinares que a referenciam, fazendo com que esse fenómeno seja perspectivado em diferentes ângulos de entendimento, o que torna esse conceito longe de ter uma abordagem consensual, pois a tendência é dar mais ênfase a uns aspetos do que a outros" (Lima, Santos e Abranches 2009, p. 3).

Como afirmam Carita e Fernandes (2002), quando nos referimos não às significações, mas aos comportamentos, torna-se "difícil proceder a uma caracterização generalizável do que é a indisciplina, uma vez que é praticamente impossível estabelecer universalmente quais os comportamentos ou situações concretas merecedoras de tal objetivação" (p. 17).

Sendo assim, diferentes condutas assumem conotações diferentes para diversos professores. O comportamento que um professor numa sala de aula considera indisciplina, para o outro pode não ser. Estes diferentes entendimentos resultam que, em alguns casos, a indisciplina se referir aos comportamentos e noutros às significações.

Nas diversas bibliografias consultadas a indisciplina é definida de diferentes formas. De acordo com Silva (1999), a indisciplina nos remete para violação de regras ou normas estabelecidas o que, em contexto escolar, impede ou dificulta o decorrer do processo ensino-aprendizagem.

Nesta perspetiva, denota-se a importância das regras para a manutenção da disciplina na escola e na sala de aula, bem como na prevenção dos atos de indisciplina que pode ser entendida também como a "transgressão das normas escolares, prejudicando as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino ou o relacionamento das pessoas na escola" (Veiga, 1999, p. 13).

Não restam dúvidas do efeito negativo da indisciplina, uma vez que segundo diversos autores (Estrela, 2002, Veiga, 1999, Amado, 2000, Carita e Fernandes, 2002), falar da indisciplina é o mesmo que referir ao incumprimento das normas estabelecidas, prejudicando assim o ambiente escolar, causando stress no professor e afeta o normal funcionamento da aula e o relacionamento entre o professor-aluno e este com os seus pares.

Carita e Fernandes (2002) reforçam esta constatação, afirmando que a indisciplina perturba os professores, afeta-os emocionalmente, mesmo mais do que os problemas de aprendizagem com que habitualmente também têm que se confrontar, sendo frequentemente vista como um impedimento à relação, como um desprezo pessoal, ou ainda como um ataque pessoal.

A indisciplina na escola e na sala de aula é um fenómeno complexo, que preocupa cada vez mais os diretores e professores. Como refere Amado (citado por Estrela, 2002), o comportamento de indisciplina pode ser constante ou ocasional, de iniciativa de um individuo, um pequeno grupo, de toda uma turma, ou de um grande número de alunos de uma escola e manifestando-se de várias formas, que vão desde perturbação do trabalho às agressões a colegas e professores.

Indisciplina na escola e na aula como um fenómeno relacional e interativo que se concretiza no incumprimento das regras que presidem, orientam e estabelecem as condições das tarefas na aula, e, ainda no desrespeito de normas e valores que fundamentam o são convívio entre pares e a relação com o professor, enquanto pessoa e autoridade (Amado, 2000, p. 6).

Considerando a indisciplina como um fenómeno relacional e interativo, Amado (2000) defende que quando referirmos à indisciplina, nem sempre falamos da mesma coisa, mas de uma diversidade de fenómenos por detrás de uma mesma denominação. Dada a sua complexidade, o mesmo autor propõe que se fale de “níveis de indisciplinas, diferentes pela sua natureza intrínseca, e não de uma só” (p. 7). Assim, o autor estabelece três níveis:

O primeiro nível que intitula de desvios às regras da produção, abrange os incidentes que é imputado um carácter disruptivo, por causarem perturbação ao bom funcionamento da aula. O segundo nível, conflitos interpares, abarca os incidentes que traduzem essencialmente, as dificuldades de relacionamento entre os alunos, podendo também traduzir-se, em fenómenos de violência e “bullying”. O terceiro e último nível, conflitos da relação professor-aluno, incluem os comportamentos que, de algum modo, põem em causa o poder e o estatuto do professor, abrangendo também a violência e o vandalismo contra a propriedade da escola.

À medida que aumenta os níveis de indisciplina, aumenta também a sua gravidade intrínseca mas, a sua extensão é menor na medida em que abrange menos situações envolve cada vez menor número de intervenientes.

Podemos dizer que tanto a disciplina como a indisciplina, são referidos indiretamente à regra ou normas e diretamente à perturbação e ao normal funcionamento da escola e da aula.

1.3. Diferentes abordagens da indisciplina

A indisciplina na escola e na sala de aula é um fenómeno complexo “e tão antiga como a própria escola” (Estrela, 1994, p.11) e, como tal, deve ser abordada não apenas do ponto de vista pedagógico mas também, sociológico, psicológico, interacionista, etc., uma vez que ela é um problema transversal à pedagogia.

A manutenção da disciplina bem como a explicação do problema da indisciplina tem constituído uma preocupação dos investigadores desde as gerações mais antigas até as nossas gerações.

Assim, as bibliografias publicadas sobre o assunto possibilitam-nos observar uma multiplicidade de abordagens. Podemos destacar as obras de Teresa Estrela e João Amado que esboçam um panorama interessante sobre essa investigação.

Nesta perspetiva, é possível verificar, que como refere Estrela (1994), nas Abordagens Psicológicas, que foram preponderantes até a década de 70, os conceitos de disciplina e indisciplina se encontravam associados aos de adaptação e inadaptação, aparecendo a indisciplina associadas a condutas antissociais e a perturbações neuróticas ou de personalidade.

De acordo com Estrela (1994), permanece a tendência para atribuir a origem da indisciplina na aula ao próprio aluno, contudo, a procura das razões dessa indisciplina tende a desculpabilizá-lo.

Conforme a mesma autora para a desculpabilização do aluno concorrem as correntes psicológicas de orientação behaviorista e de orientação dinâmica, bem como conjunto de investigações de origem pluridisciplinar, procuraram a associação entre a disciplina ou a indisciplina do aluno e os fatores psicológicos, sociais e pedagógicos que a determinam.

Numerosos estudos realizados passaram a estabelecer correlações entre a indisciplina e variáveis como “o Q. I., o insucesso escolar, a origem socioeconómica e as características do meio familiar, principalmente as que se referem ao sistema de autoridade, para além de outras investigações recaírem sobre a raça, etnia, a idade e o sexo” Furlong (citado por Estrela, 2002, p. 84).

Segundo Estrela (2002) outra linha de estudo de origem pluridisciplinar procurou determinar os tipos de indisciplina mais frequente nas escolas e nas turmas, aparecendo

estudos que refletiram sobre atitudes e opiniões de alunos e professores sobre a indisciplina.

A mesma autora afirma ainda que uma parte dos trabalhos realizados baseados na referida linha de investigação foi inspirada na perspectiva corretiva da indisciplina, em que se procurava caracterizar o fenómeno e descobrir as suas causas para fundamentar uma intervenção eficaz.

Conforme realça Estrela (1994) as abordagens psicológicas de caráter individualizante e corretivo são postas em causa pelas abordagens de caráter sociológico e pedagógico. Nestas abordagens, o aluno deixa de ser o centro de análise dos fenómenos de disciplina/indisciplina e as variáveis do contexto social e pedagógico recebem maior atenção.

Verifica-se uma tendência de desculpabilizar o aluno pelos casos de indisciplina colocando a tónica na sociedade e na própria escola. Esta afirmação é segundo Estrela (1994) “reforçada pelos resultados das investigações microssociológicas realizadas na sala de aula, pois elas vão pôr em relevo o papel do professor como promotor da indisciplina do aluno, indisciplina agora entendida como o desvio à regra estabelecida” (p. 78).

Já as abordagens interacionistas que têm por base as propostas da Escola de Chicago, defendem que “os atos humanos resultam de uma escolha do indivíduo em função da sua interpretação do mundo e que, por isso mesmo, os protagonistas da ação devem ser vistos como agentes ativos no interior do seu mundo social” Furlong (citado por Amado, 2001, p.34).

Nestas abordagens, há uma valorização da liberdade individual, onde segundo Amado (2001), o nosso pensamento influencia a maneira como agimos, enquanto os atos são frutos da nossa interpretação do mundo que nos rodeia.

O Homem é um ser social que está em constante interação com o outro. Nesse processo de interação, há uma sucessiva interpretação e reação dos atos de cada um. Por essa razão, segundo o mesmo autor, viver em sociedade exige uma definição comum da situação, de modo que se estabeleçam regras e expectativas para o comportamento de cada indivíduo em interação.

A escola como um espaço relacional, onde vivem e convivem alunos, professores e outros funcionários em estreita relação, deve não apenas estabelecer normas, regras e

expetativas do comportamento, mas também divulgá-las para que possam ser conhecidas por um lado, e por outro evitar interpretações erradas dos atos dos outros.

No campo da interação Delamont (citado por Amado, 2001), recorda que a dimensão do poder exercida por cada um dos participantes pode alterar o comportamento de cada individuo, sobretudo quando a vantagem desse poder não é suficientemente clara.

Quando a situação for definida de modo diferente, pode surgir desencontro de regras e expetativas, gerando-se potenciais situações de conflitos. Nesta perspetiva, de acordo com Erickson (citado por Amado, 2001), numa aula haverá quem interprete um comportamento como correto ou desviante, justo ou injusto, aborrecido ou motivador, e essas interpretações devem ser tidas em conta, uma vez que são elas que explicam o desenrolar dos próprios acontecimentos.

Segundo estas abordagens a indisciplina é uma realidade construída na própria aula, sendo o resultado de um processo de interação entre professores e alunos, que possuem expetativas mútuas, perceções e pontos de vista muito próprios e diferentes de tudo o que acontece com eles e à sua volta.

1.4 Fatores que contribuem para a promoção da indisciplina

A indisciplina é um conjunto de comportamento dos alunos que perturbam o normal funcionamento da aula. Os comportamentos indisciplinados são frequentes e envolvem muitos alunos, em muitas escolas e em diversos níveis de ensino. Constituem um desafio permanente à paciência dos professores.

De acordo com Carita e Fernandes (2002), a indisciplina não pode ser vista como existindo em si mesma, como uma qualidade inerente ao próprio comportamento, mas tem antes que ser analisada e compreendida no contexto da relação pedagógica em que a situação acontece e é classificada como tal.

O fenómeno da indisciplina não é novo. Atingiu grandes proporções nos últimos anos, com a democratização do ensino e a conseqüente multiplicação da população escolar.

Hoje, muitos alunos manifestam comportamentos diferentes do que as gerações anteriores. A escola é, neste momento, um reflexo da sociedade.

Numa sociedade onde observamos, todos os dias, o desrespeito pela autoridade, a falta de civismo ou mesmo a violência nas relações interpessoais, não podem esperar que a escola seja um oásis de tranquilidade. Mesmo assim, é justo reconhecer que as

escolas são dos lugares mais seguros para crianças e adolescentes (Estanqueiro, 2010, p. 63).

Torna-se necessário afirmar também que a sala de aula não é uma «ilha», ou seja, não está isolada nem da escola e nem da sociedade onde está inserida. Neste sentido, tudo de bom e menos bom que nela acontece pode ser motivado pelos fatores internos e externos à escola.

De acordo com Estrela (2002), a escola, um sistema aberto em interação com o meio, não fica imune às tensões e desequilíbrios da sociedade envolvente e, por isso, poderá ver a indisciplina, como um reflexo dos conflitos e da violência que reina na sociedade em geral. Sendo assim, a responsabilidade pelo surgimento da indisciplina na escola pode ser compartilhada pela própria escola, pelas famílias e pela sociedade onde a escola está inserida.

Da mesma forma, podemos afirmar que a indisciplina na sala de aula tem origens múltiplas e a “responsabilidade pelo seu aparecimento têm de ser divididas entre os professores, alunos, instituição, família, não sendo ignorados também fatores de ordem sociopolítica” (Amado, 2001, p. 221).

Estrela (2002) enumera um vasto conjunto de causas de tensão e desequilíbrio nas escolas, designadamente:

Turmas numerosas e escolas superlotadas; edifícios degradados e mal equipados em termos de material didáticos; professores sem formação e mal remunerados; pessoal auxiliar pouco qualificado; elevada taxa de insucesso escolar; elevada percentagem de alunos oriundos de meios mais desfavorecidos economicamente e relativamente a compreensão de códigos linguísticos situação que pode provocar a desmotivação e até rejeição pela escola. (p. 13)

Neste sentido, Amado (2001) enumera um conjunto de fatores que poderão estar na origem de indisciplina:

- De ordem social e políticos, refletindo interesses, valores e vivência de classes divergentes e opostas;
- De ordem familiar em que os valores das famílias poderão ser diferentes dos da escola, disfuncionamento do agregado familiar. Os estilos de autoridades não devem ser nem demasiado repressivos, nem demasiado permissivos;
- De ordem institucionais formais, em que os espaços, horários e os currículos poderão estar desajustados dos interesses e ritmos dos alunos;

- De ordem institucionais informais em que a interação, coesão, comunicação, a liderança no grupo turma, entre professor e aluno, seja coerciva e diminuta provocando fortes desequilíbrios;
- De ordem pedagógicas verificando-se pouca consistência dos métodos, técnicas e competências de ensino, na aplicação das regras e até alguma decadência na interação pedagógica que se estabelece com os alunos;
- De ordem pessoal do professor, que se rege por valores, crenças, por estilos de autoridade que não se coadunam com o grupo, transmitindo inclusive expectativas pouco motivadoras que poderão levar a situações indesejáveis e conflituosas; e
- De ordem pessoais do aluno, em que os interesses deste não se identificam com os da escola, resultando assim, numa difícil adaptação que poderá estar relacionada com o seu desenvolvimento cognitivo ou com os hábitos de trabalho. A sua história de vida e percurso académico, o seu autoconceito, idade, sexo poderá também originar situações de indisciplina perturbadoras a qualquer professor.

Este conjunto de fatores vem confirmar a complexidade do fenómeno da indisciplina. Segundo Amado (2001), a ação de muitos desses fatores é fortemente correlacionada e os seus efeitos cruzam-se no interior da sala de aula, dando forma e conteúdo as relações e interações que aí se estabelecem.

Neste sentido, conforme Caeiro e Delgado (2005), em situação da sala de aula uma parte do problema da indisciplina cabe ao professor, outra parte ao aluno, mas também à escola e à família e a sociedade.

1.4.1 Fatores relacionado com o professor

Como já foi afirmado aqui, a indisciplina é provocada por uma multiplicidade de fatores. Sendo assim, parece haver uma concordância nas bibliografias (Carita e Fernandes, 2002; Amado e Freire, 2009; Estrela, 2002; Amado, 2001; Estanqueiro, 2010), no que diz respeito à pertinência dos fatores de ordem didática na explicação da indisciplina, visto que as estratégias de ensino que os professores adotam, bem como a atitude destes, definem o funcionamento da turma e condicionam a natureza das relações interpessoais, importantes para a prevenção da indisciplina na aula.

De acordo com Amado (2001), no que diz respeito à responsabilidade do professor na indisciplina, pode estar estratégias de ensino-aprendizagem inadequadas,

designadamente: abuso de método expositivo, aula desinteressante, ausência de sentido de matéria lecionada, postura do professor, administração incorreta do ritmo e do tempo.

Amado (2001) defende que o abuso do método expositivo pelo professor, por um lado, gera a distração, desmotivação e indisciplina no aluno, por outro citando Jesus (1992) diz que inibe a interação do aluno ao impedir-lhe o confronto de ideias e o desenvolvimento da sua própria autonomia.

Do mesmo modo, a inadequação dos conteúdos aos interesses dos alunos e às suas capacidades é também um fator de desmotivação por parte destes, provocando, assim, comportamentos de indisciplina.

Assim cabe ao professor diversificar os métodos, os recursos didáticos, de forma a tornar a aula mais dinâmica, atrativa e a despertar nos alunos a atenção e interesse pela matéria, para que verifique a sua compreensão facilite a “sua ligação com o conhecimento prévio e com uma possível utilização futura” (Amado, 2001, p. 231).

A postura do professor e administração incorreta do espaço também é apontada como causadora de comportamentos de indisciplina. A mais frequente de todas segundo Amado (2001) é “aquela em que o professor vira as costas aos alunos, e conseqüentemente perde o controlo visual da turma” (p.231).

O mesmo autor considera que a administração incorreta do ritmo e do tempo, pode gerar perturbações, se o professor não levar em conta aspetos como a sequência lógica e pedagógica dos temas o tempo de espera necessário para que o aluno elabore uma resposta quando solicitado.

Na opinião de Amado (2001), uma relação pedagógica problemática com os alunos pode também promover uma reação desfavorável, sobretudo quando o professor revelar falta de autoridade e firmeza, falta de experiência, age de forma autoritária e incoerente, demonstrando incoerência entre o que diz e o que faz, age de forma injusta nos processos de ensino e avaliação ou nos procedimentos disciplinares.

Também Estrela (2001) defende que “o comportamento distante do professor, a despersonalização da relação originada pelo professor que ignora o nome do aluno, a brandura quando é esperada a força são algumas das situações que suscitam a retaliação do aluno” (p. 88).

No entanto, entendemos que a responsabilidade de ocorrência de indisciplina na sala de aula não é exclusiva do professor, visto que ele não está sozinho na sua sala de aula. Ele

está em constante interação com os alunos com os colegas, com a família e com a própria sociedade.

Sendo assim, consideramos também que o professor não é o único responsável pelo aparecimento de indisciplina, mas desempenha um papel fundamental tanto na gestão do processo ensino-aprendizagem como na gestão da indisciplina na sala de aula.

1.4.2 Fatores inerentes ao aluno

Amado (2001) faz uma distinção entre o aluno considerado individual e a sua integração no grupo-turma. Para este autor, a nível individual contribuem para condutas indisciplinadas situações como desinteresse do aluno, quer no que respeita à situação escolar em geral, quer relativa à situação pedagógica concreta ou causado pelas metodologias de ensino utilizada pelos professores.

Um outro aspeto importante segundo Amado (2001), tem a ver com a desadaptação do aluno em relação a certos professores, quer pela sua personalidade e aspeto físico ou pelas manias e tiques que revelam. Este autor salienta a importância da adaptação, visto que é isso que leva o aluno a falar em gostar ou não, de determinado professor. Se gostam não vão perturbar e se não gostam tanto tendem a perturbar.

Algumas posturas dos alunos envolvendo exibicionismo perante o professor e os colegas, uso e abuso de conversas enquanto decorre a aula, não esperar pela sua vez para falar e desviar a atenção dos colegas que ainda não terminaram a sua tarefa, são apontadas como situações perturbadoras do normal andamento da aula. O mesmo autor realça ainda, a ação contagiante de certos alunos que arrastam os colegas para os atos de indisciplina fazendo com que muitas vezes a ação disciplinadora caia sobre o alvo errado e não sobre os elementos perturbadores.

Segundo Amado (2001), o grupo exerce uma grande importância na socialização e aprendizagem dos jovens.

1.4.3 Fatores sociais e familiares

A indisciplina que os alunos manifestam na escola e na sala de aula, muitas vezes, estão associadas aos fatores sociais e familiares que se relaciona com a experiência relacional no seio familiar, estilos de autoridade dos pais, valorização da escola por parte dos pais, etc.

Amado (2001) defende que por vezes, são as carências sociais e económicas que podem dar origem a uma espécie de revolta e inconformismo que se alastra e repercute na vida da aula. Mas também, de acordo com o mesmo autor, por vezes outros alunos provenientes de famílias com elevado nível económico não vêm na escola razões para se empenhar e motivos para aceitarem os esforços e a dedicação que ela exige, porque não precisam de se preparar para a vida e dificuldades do futuro, pois ele está garantido de antemão.

Um outro fator realçado por este autor é o desinteresse dos pais pela vida do filho. Algumas investigações revelam a importância da colaboração e do envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos, por outro lado mostram os efeitos negativos que o não envolvimento causa.

De acordo com Estanqueiro (2010), se a criança não aprende regras e limites em casa, terá mais dificuldades em aceitar as normas da escola e “tudo piora quando os pais desvalorizam a escola e criticam os professores na presença dos filhos” (p. 63). A atitude negativa dos pais não motiva os filhos para o estudo e acaba por estimular os comportamentos incorretos.

Amado e Freire (2009) também acentuam a importância da participação da família na vida escolar dos filhos. Para esses autores, uma cooperação forte entre escola e a família é absolutamente desejável para que os problemas de indisciplina, em geral, e de agressão e vitimização em particular, sejam enfrentados.

Esse envolvimento é de grande relevância uma vez que tanto a escola e a família são duas instituições de educação onde o aluno passa os seus dias e constrói a sua aprendizagem. Contudo, para aprender é necessário que o aluno tenha uma base familiar estável que lhe motiva e que lhe apresente os melhores modelos de comportamento que manifesta na escola e na sala de aula.

1.4.4 Fatores inerentes á instituição educativa

A escola é um espaço onde interagem professores, alunos, diretores e outros funcionários, cada um com seu nível de desenvolvimento, sua vivência e expectativas diferentes. Sendo assim, nessa interação a escola pode desempenhar um importante papel na construção da disciplina através “de partilha de atitudes, crenças, valores e práticas, resultantes do processo de colaboração e de diálogo dentro da organização escolar” (Amado e Freire, 2009, p.82).

Amado e Freire (2009) realçam a importância do fator clima de escola, de uma política do envolvimento dos pais para uma ação mais preventiva e uma intervenção mais efetiva face aos problemas de indisciplina. Para esses autores, “pensar e o repensar coletivo da vida na escola, quer no âmbito das turmas e das equipas educativas quer no âmbito de toda comunidade escolar, constitui um ponto de partida para a construção de uma atitude preventiva face aos problemas vividos em qualquer escola” (p. 82).

Segundo Estrela (2002), a importância da comunicação bem como a importância das regras e a forma como os professores as aplicam e os alunos as interpretam, tem grande relevância para a prevenção da indisciplina.

Além destes fatores, Amado (2001) aborda o problema da indisciplina como sendo da responsabilidade da instituição educativa, no que diz respeito à gestão de espaço e tempo e de composição da turma.

Em termos de gestão de espaço, conforme Amado (2001), ninguém rejeita, hoje, a ideia de que a arquitetura de uma escola e a configuração das salas de aula condicionam o comportamento dos seus ocupantes. Com efeito, “as instalações de uma escola devem ser vistas como parte do equipamento necessário e adequado ao cumprimento dos objetivos educativos, o que nem sempre acontece” (Amado, 2001, p. 311), podendo por vezes dar origem a dificuldades de adaptação e ao surgimento de comportamentos de indisciplina. Trata-se, segundo este autor de salas de pequenas dimensões, que são excessivamente frias e húmidas no período de inverno e muito quente no verão.

Amado (2001) sublinha o número elevado de alunos e a composição heterogênea das turmas, composta por alunos com e sem interesse pelas aulas, com e sem repetência, como uma das justificações para os comportamentos indisciplinados.

Estanqueiro (2010) refere que, por vezes, a indisciplina surge como um sintoma de mal-estar dos alunos em relação à escola massificada e pouco atrativa, com currículos desajustados, que frequentam por obrigação e sem interesse.

Neste sentido, cabe a escola assumir o papel educativo que propicie a integração de todos e o desenvolvimento integral dos alunos.

2. A gestão da indisciplina na sala de aula

Depois de conhecermos os diferentes fatores que promovem a indisciplina na sala de aula, torna-se necessário refletir agora sobre a sua gestão.

Como referimos anteriormente, quando falamos de indisciplina referimo-nos a algo que atrapalha os professores. De acordo com Carita e Fernandes (2002), a indisciplina perturba os professores, afeta-os emocionalmente, mesmo mais do que os problemas de aprendizagem com que habitualmente também têm de lidar.

Sendo um problema complexo, normalmente com efeitos nefastos tanto para os professores como para os alunos torna-se importante a sua correta gestão por parte do professor.

Neste sentido, a gestão da sala de aula, a forma como os professores organizam as suas atividades torna-se um aspeto fundamental para evitar ou promover a indisciplina.

Com efeito, “sendo o professor quem, na aula, assume a responsabilidade da organização das atividades de ensino-aprendizagem, cabe-lhe também um papel preponderante no tecido relacional que se constrói na classe, servindo de suporte às atividades e situações aí criadas e desenvolvidas” (Carita e Fernandes, 2002, p.23).

Nesta perspetiva, de acordo com Estrela (2002) o papel do professor, que tradicionalmente era de transmitir os conhecimentos, teve de evoluir para se tornar o organizador da aprendizagem e o estimulador do desenvolvimento cognitivo e socio-afetivo do aluno. Ele é hoje também o detentor de um conjunto de competências didáticas e das inerentes á matéria que leciona.

Além das competências atrás mencionadas, é essencial que os professores tenham capacidades para fazer uma gestão adequada de indisciplina na sala de aula no sentido de ajudar os alunos a serem disciplinados.

Contudo, o professor não é um sujeito isolado na sua sala de aula e a procura de formas de prevenção de indisciplina implica um trabalho de equipa, um trabalho cooperativo com os colegas e outros membros da comunidade educativa.

Do nosso ponto de vista, é necessário que o professor organize e planeie bem a sua aula, usando metodologias adequadas a fim de não cair no imprevisto dos conteúdos, procurando desta forma atender às necessidades e expetativas dos seus alunos.

Cabe ao professor na sua sala de aula criar espaços de participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem bem como na criação de um ambiente relacional próprio de uma sala de aula.

Como defende D'Antola (citado por Garcia, 1999), a participação dos alunos é um elemento importante, pois favorece o sentimento de pertença e implica o exercício de algum grau de poder sobre as disposições coletivas, bases na criação de um sentido de responsabilidade comum e um elemento de motivação.

Neste sentido, a participação dos alunos requer a comunicação, o diálogo permanente entre o professor, os alunos, a família e a direção da escola. Estrela (2002) ressalta a importância da comunicação no ato pedagógico, não só visando a aprendizagem de um saber, mas também na comunicação de expectativas mútuas dos professores e alunos.

A mudança do papel do professor fez mudar também a concepção do aluno que passou a ser visto como sujeito ativo e não como receptor do conhecimento. Sendo assim, o envolvimento do aluno na dinâmica da sala de aula faz com que ele se sinta útil, parte da solução e sobretudo, responsável.

Garcia (1999) lembra que se desejamos uma escola bem disciplinada é importante compartilhar e comunicar aos estudantes expectativas que reflitam uma apreciação quanto as suas potencialidades e que expressem a visão de que eles devem assumir suas próprias responsabilidades junto da escola.

Essa afirmação de Garcia também é válida em contexto de sala de aula, visto que tanto o professor como o aluno têm de ser responsáveis por tudo de positivo e negativo que acontece na sala de aula. O professor pela forma como organiza o ensino-aprendizagem, domina e transmite os conteúdos, estabelece as relações com os alunos, gere a indisciplina e o aluno por sua vez pela forma como participa nas atividades e relaciona com os professores e os colegas.

No domínio de gestão da indisciplina na sala de aula, o professor deve ser capaz de antecipar os acontecimentos, agir antes de acontecer atos de indisciplina, ou seja, deve agir preventivamente.

Apesar de o comportamento de indisciplina ser influenciado por vários fatores, Rodrigues e Rodrigues (2011) defendem que o professor é peça fundamental na gestão de indisciplina na sala de aula, pois o comportamento do aluno e a administração desse comportamento pelo docente influenciarão diretamente o processo de ensino-aprendizagem, logo a gestão da indisciplina consiste numa tecnologia significativa no trabalho do professor.

Entendemos que a gestão da indisciplina deve ser feita em duas vertentes: A prevenção e a correção. Assim, nos pontos subsequentes abordamos a prevenção e a correção indisciplina na sala de aula.

2.1 Prevenção da indisciplina na sala de aula

A indisciplina é um problema que preocupa tanto os professores como os pais. Assim, Picado (2009) refere que os professores mencionam este problema como um dos aspetos mais difíceis e perturbadores para quem leciona. Segundo Silva e Neves (2006) trata-se de um assunto que preocupa não só os professores em início de carreira, mas também aqueles que já têm uma larga experiência de ensino. Trata-se de um fenómeno de grande complexidade e multifatorial e que requer uma análise profunda para encontrar soluções diversificadas para o problema, levando em consideração as características do contexto social e escolar. Neste sentido, cabe a escola e os professores nas suas salas antecipar os acontecimentos, ou seja, prevenir.

Não há receitas já prontas para lidar com o problema da indisciplina. Cada caso é um caso e o professor terá de procurar mobilizar, em cada situação a sua “capacidade de diagnóstico, o bom senso, a capacidade de reflexão e a competência pedagógica, em articulação com o quadro de referência da própria organização escolar, no sentido de encontrar as respostas mais adequadas para os problemas com que se depara” (Amado e Freire, 2009, p. 133). É necessário, como já dissemos aqui, analisar o problema tendo em conta o contexto no qual a indisciplina se manifesta e os diversos fatores que a promovem.

A questão que se coloca, é segundo Amado (2001), saber como os professores atuam no sentido de prevenir, corrigir ou de sancionar os comportamentos desviantes dos alunos na aula, não tanto no sentido de se protegerem e afirmarem a sua posição pessoal, face aos constrangimentos e à pressão dos alunos, mas no sentido de criarem condições básicas de trabalho.

A importância da prevenção da indisciplina é reconhecida por muitos investigadores neste campo. Para Amado e Freire (2009), o que realmente distingue, tanto os professores como as escolas face às questões disciplinares, é o modo como se antecipam aos problemas, prevenindo assim as situações difíceis de gerir.

A “prevenção relativamente a qualquer fenómeno corresponde ao conjunto de ações, mais ou menos coordenadas, que atuam por antecipação face a esse fenómeno” (Amado e Freire, 2009, p.134).

Assim, segundo Amado (2000), prevenir a indisciplina, trata-se da capacidade de organização das situações de aula, de forma a gerir as atividades aí desenvolvidas, bem como dar expressão a um conjunto de atitudes relacionais, de tal modo que se afastem ou anulem os fatores de perturbação e desvio.

O mesmo autor alerta para a necessidade de encarar a prevenção da indisciplina de uma forma mais positiva, devendo significar, neste caso, “o processo educativo, na sua complexidade e nas suas mais variadas consequências ao nível da pessoa e da sociedade” (P. 9).

Sendo assim, a prevenção da indisciplina contribui para o desenvolvimento pessoal dos alunos, para a qualidade de vida e do bem-estar na escola, na sala de aula e na sociedade, “constituindo-se simultaneamente, uma ação preventiva do insucesso, da desmotivação e do abandono escolar, a curto e médio prazo, e de fenómenos sociais, como a delinquência e a exclusão social, a longo prazo” (Amado e Freire, 2009, p.134).

Consideramos que a melhor forma de gerir a indisciplina está na capacidade do professor em prevenir esse problema. Seguidamente, abordamos com base em algumas bibliografias, algumas formas de prevenção de indisciplina: gestão da sala de aula, definição de regras, relação pedagógica.

2.1.1 Gestão da sala de aula

Perante uma multiplicidade de fatores que promovem os comportamentos de indisciplina, revela-se a importância das competências do professor na gestão da sala de aula. De acordo com Arends (citado por Carita e Fernandes, 2002), o conceito de gestão pedagógica da sala de aula é “o modo pelos quais os professores organizam e estruturam as suas salas de aula, com os objetivos de maximizar a cooperação, o envolvimento dos alunos e diminuir o comportamento disruptivo” (p.74).

A manutenção da disciplina é uma das principais preocupações dos professores, sendo que a forma como faz a gestão da sala de aula, é um aspeto determinante.

O professor, sendo um organizador do ensino-aprendizagem, (Carita e Fernandes, 2002), desempenha um papel essencial na prevenção da indisciplina. Nesta perspetiva, Amado

(2000) afirma que o professor pode e deve obter um ambiente de ordem e disciplina, através do modo como o organiza e apresenta durante a aula.

O mesmo autor acrescenta que uma boa organização e gestão da aula, está intimamente ligada ao sucesso escolar, à satisfação e autoconceito positivo do aluno e à diminuição dos desvios à norma, principalmente se nessa gestão incluímos também as competências na apresentação dos conteúdos e uma boa relação professor-aluno.

Deste modo, Carita e Fernandes (2002) assinalam que a gestão da sala de aula trata-se, de enfatizar a necessidade de um investimento planeado dos professores nas dimensões relacionadas com a estruturação das atividades pedagógicas e das relações entre as pessoas essenciais à promoção de um bom clima de ensino-aprendizagem e socialização. Como defendem essas autoras, o modo como os professores envolvem os alunos nas tarefas de aprendizagem e o cuidado que dedica á criação e manutenção do clima afetivo do grupo são duas dimensões que devem ser cuidadosamente geridas, na perspectiva de intervenção constante e continuada.

A criação e a manutenção de um clima propício ao ensino-aprendizagem bem como acompanhamento dos alunos são dimensões que merecem uma atenção dos professores, sendo responsáveis pela organização das atividades letivas. Sendo assim, cabe aos professores procurar criar um clima simultaneamente tranquilo, seguro, estimulante e envolvente dos alunos em trabalho produtivo e significativo, levando em conta o nível de desenvolvimento, os seus interesses, aptidões e cultura e manter uma atitude positiva quanto ao sucesso dos alunos e valorização do mesmo.

Um outro aspeto fundamental na prevenção da indisciplina, destacada pelas autoras Carita e Fernandes (2002), tem a ver não tanto com o modo como os professores, resolvem os problemas de indisciplina mas antes no modo como previnem o seu aparecimento, ao mesmo tempo que conseguem desenvolver a autonomia e autocontrolo dos alunos.

Nesta mesma linha, Amado (2001), defende que há necessidade do professor se munir não só de “necessárias competências relacionais como de uma tecnologia própria do seu trabalho” (p.167). Este autor acrescenta que se o professor planificar antecipadamente o seu trabalho, tendo em conta o comportamento dos alunos, o ritmo do trabalho e as exigências académicas, conseguirá fazer da aula um meio eficaz de aprendizagem.

No domínio de gestão da sala de aula, Carita e Fernandes (2002) indicam alguns conselhos relativas à forma de organizar o trabalho na aula, são elas:

- Planificar bem e preparar previamente a aula. A planificação das atividades é um aspeto fundamental tanto para o sucesso do ensino-aprendizagem como também para a prevenção dos desvios do comportamento dos alunos. De acordo com as autoras acima citada, ter a aula bem planeada e organizada, implica, designadamente, definir com clareza para si e para os alunos os objetivos que se pretende atingir, em cada aula; prever as atividades individuais ou de grupo e planifica-las tão bem quanto as exposições do conteúdo (o envolvimento dos alunos em trabalho útil e significativo, ajustado ao seu nível de desenvolvimento e que proporcione e a assunção de responsabilidades e autonomia, é um contributo essencial para a gestão bem sucedida da sala de aula); prever o recurso à avaliação formativa em contextos informais e não ameaçadoras, de modo a permitir que tanto os professores como os alunos tomem a consciência das dificuldades a superar; ter a sala de aula eficazmente arranjada, de modo que o espaço, a disposição do mobiliário, os equipamentos, os recursos didáticos, estejam ajustados às necessidades da situação; efetuar uma reavaliação periódica de planificações com vista à introdução das mudanças necessárias.

- Ser pontual para servir de modelo ao comportamento esperado dos alunos, estimulando a entrada a tempo destes e assinalar prontamente o início das atividades;

- Ao longo do desenvolvimento da aula o professor deve: pôr a turma rapidamente ativa, através do recurso a algumas questões de revisão; à colocação das questões breves e estimulantes, a este ou aquele aluno em diversos momentos da aula para manter a sua atenção; estar alerta e analisar o que está a acontecer na turma; dar um ritmo dinâmico ao trabalho de modo a evitar as quebras e abrandamento das atividades; variar as estratégias de ensino-aprendizagem, dando oportunidades a atividades práticas; delegar nos alunos responsabilidades nas tarefas do dia-a-dia; ser capaz de lidar ao mesmo tempo com mais do que uma tarefa; procurar usar a voz com eficácia, uma vez que o seu tom e volume são importantes meios de criar e manter entusiasmo da aula ou de quebrar a monotonia; concluir adequadamente a aula, o que passa nomeadamente pela elaboração de uma síntese e pelo estabelecimento de uma ponte com a aula seguinte.

Ainda no campo da gestão da sala de aula, podemos afirmar que uma boa gestão da sala de aula requer também uma vigilância e controlo do comportamento dos alunos pelo professor.

2.1.2 Definição das regras

É consensual o reconhecimento da pertinência do papel desempenhado pelas regras na manutenção de comportamentos adequados em qualquer organização. A escola, sendo uma organização também precisa de regras que regulam a convivência de todos que ali atuam e, particularmente na sala de aula, elas constituem um importante meio para a prevenção e manutenção da disciplina.

A sala de aula, um lugar partilhado diariamente por alunos e professores, necessita de estabelecer um conjunto de regras pelos quais cada um se vai orientar de modo a possibilitar a manutenção da disciplina.

Alguns autores como Amado (2000), Estrela (2002), Amado e Freire (2009), destacam a função da consistência e coerência do sistema normativo na manutenção de um bom clima relacional e disciplinar e ressaltam a influência determinante que os primeiros dias de aula assumem, quer relativamente ao processo de estabelecimento de regras, quer em relação aos procedimentos adotados para os alunos que as desobedecem.

Contudo, conforme Carita e Fernandes (2002), é importante que o professor assegure que os alunos compreendam os propósitos de cada regra e da sua fundamentação, tornando necessária a clarificação de expectativas de comportamento a esperar dos alunos, consubstanciadas na forma de regras de conduta, significativas e adaptadas a uma dada situação.

Consideramos que o processo de clarificação das regras é uma função que cabe a todos os professores da turma, sendo que o diretor de turma também desempenha um papel de grande importância nesse aspeto. Na prevenção da indisciplina, de acordo com Estanqueiro (2010) compete ao diretor de turma explicar as regras da escola aos alunos, promover o diálogo entre os professores e envolver os pais na vida escolar dos filhos.

Amado (2000) defende que “um sistema de regras bem definido é indispensável para se obterem os objetivos previstos, na medida em que permite ao estudante melhor saber o que se espera dele” (p.11). A não existência das regras dificulta o andamento da aula e propicia o aparecimento de atos de indisciplina.

A forma como é estabelecida as regras, conforme Estrela (2002), transmitem cargas afetivas que originam reações de aceitação, de submissão, rejeição passiva ou rebelião que irão caracterizar o ambiente da aula. A mesma autora lembra que é também nas primeiras aulas que os alunos testam a coerência e a consistência normativa dos

professores, e que em função dela, farão as suas primeiras avaliações do seu poder e personalidade.

Sendo assim, é preciso definir um conjunto de regras que como refere Short (citado por Amado, 2000) devem ser poucas, simples, positivas, claras e fundamentais. Este autor acrescenta ainda que essas regras devem ser orientadas pelos seguintes princípios: que elas, de facto orientem o comportamento do aluno de modo a que ele perceba o que se espera dele; que o aluno entenda os objetivos e utilidade dessas regras, e não veja nelas uma pura arbitrariedade; que o professor seja consistente na sua aplicação. Verifica-se, conforme Estrela (2002), que “da compreensão da legitimidade das regras decorre a probabilidade de ela ser aceite e respeitada” (p.61).

O incumprimento das regras reside, muitas vezes, do fato de não serem compreendidas as suas razões de ser nem os seus objetivos. A existência de regras bem como a sua explicação desde os primeiros dias de aula poderá garantir a manutenção da ordem na sala.

Sendo assim, todos os alunos desde o início do ano, precisam “saber com clareza os seus direitos e deveres, o que é e o que não é aceitável no trabalho e na convivência com os outros” (Estanqueiro, 2010, p. 73).

Nesta perspetiva, Carita e Fernandes (2002) defendem que a existência de regras explícitas de conduta que constituam um quadro normativo claro e preciso, constituem um instrumento precioso na prevenção da indisciplina na turma.

Por outro lado, Amado (2000) refere que a inconsistência dos professores na aplicação das regras é um fenómeno que se verifica com alguma frequência na aula, originando queixas e reclamações dos alunos que a consideram como injustas, do professor.

Para o mesmo autor essa fraqueza pode dever-se do facto delas não serem razoáveis ou aplicáveis, do fato do professor não testemunhar claramente os comportamentos de indisciplina ou ainda do professor não se sentir suficientemente enérgico em relação a uma regra ou a uma determinada sanção.

É também importante existir uma ação concertada entre os vários professores, sobretudo os da mesma sala na aplicação das regras. Na opinião de Estrela (2002) se cada professor definir as suas regras, o aluno perante tal variedade, passará a “relativizá-las como manias do professor” (p.61).

Na verdade, esse fato é relevante visto que em muitas escolas os alunos revelam comportamentos diferentes consoante o professor. Com uns professores comportam-se de maneira correta e com outros adotam comportamentos perturbadores.

Um outro aspeto importante é o envolvimento dos alunos tanto nas tarefas de aprendizagem como nas questões que tem a ver com o estabelecimento de algumas regras para que eles possam interiorizar, compreender e aceitar. Por outro lado, o envolvimento dos alunos no estabelecimento das regras permite esperar quase sempre uma maior responsabilidade e maior empenho destes no seu cumprimento.

Podemos afirmar que as regras são indispensáveis na prevenção e manutenção de um bom clima relacional e de trabalho na escola de um modo geral e na sala de aula em particular. Não basta apenas definir as regras de condutas. É importante também a sua divulgação e o seu esclarecimento desde os primeiros dias de aula e verificar coerência e consistência na sua aplicação.

2.1.3 Relação Pedagógica

Durante algum tempo a escola era vista como um espaço criado para a transmissão do conhecimento, no entanto, atualmente, “não basta que a escola assegure a transmissão do saber, mas ela deve incentivar a recriação e criação do saber” (Estrela, 2002, p.39).

Alguns autores, (Estrela, 2002; Amado, 2001; Carita e Fernandes, 2002) concordam que todo o processo educativo decorre através de relações interpessoais, considerando o professor como um profissional de relação, um organizador do processo ensino-aprendizagem.

Para Estrela (2002) a relação pedagógica é o contato interpessoal que se gera entre os intervenientes de uma situação pedagógica e o resultado desses contatos.

Por sua vez, Amado (2001) entende por relação pedagógica problemática aquela em que os resultados desse contacto, o contacto entre os intervenientes não são, pelo menos, os esperados. Acrescenta que quando as expectativas que os alunos criam em relação ao professor falham, desencadeiam situações de indisciplina.

Vendo a escola e a sala de aula como um espaço relacional e democrático, o “papel do professor deixa de ser essencialmente o de transmissor para se tornar o organizador da aprendizagem e o estimulador do desenvolvimento cognitivo e socio-afetivo do aluno” (Estrela, 2002, p. 39).

Como realçam Carita e Fernandes (2002) a eficácia do professor no ensino-aprendizagem não passa apenas pelos seus conhecimentos científicos, mas também pelo seu sucesso no domínio da relação pedagógica, que se constrói na aula, servindo de suporte às atividades e situações aí criadas e desenvolvidas.

Neste sentido, o professor tem a necessidade de procurar estratégias que lhe proporcione um melhor relacionamento com os alunos e a criação de um ambiente propício ao ensino-aprendizagem.

Muitas dessas estratégias passam nomeadamente pela definição de normas de conduta e pela criação de um clima de confiança no sucesso do aluno e de respeito. A este propósito, Carita e Fernandes (2002) referem que os professores previnem a indisciplina e favorecem a aprendizagem, na medida em que, estabelecem com os alunos um clima de simpatia e respeito, que se traduz na transparência das regras, quer das mais relativas à organização e avaliação do trabalho quer daquelas mais direcionadas à regulação das relações entre as pessoas.

Uma relação pedagógica aberta e transparente, o estabelecimento do diálogo bem como a ausência de autoritarismo na definição das regras é fundamental para uma relação saudável ou pouco conflituoso.

Com efeito, Jesus (1996) salienta que se deve criar uma relação de agrado, em que o professor faz uma condução democrática do grupo turma e não a uma atmosfera de *laissez-faire*, estilo permissivo, na medida em que os alunos fazem o que querem e a indisciplina continua a fazer parte da realidade da sala de aula.

Na verdade, o professor que adota uma atitude democrática e de autonomia, “aquele que sugere tarefas e os educandos têm espaço de iniciativa na sua realização, ao contrário daqueles que mantêm uma atitude autoritária, apresenta uma maior coesão e consequentemente, os benefícios são maiores” (Jesus, 1996, p. 14).

É importante que a relação seja assente no diálogo e na negociação. Para isso, torna-se importante que o professor promova a criação de um ambiente de participação ativa dos alunos, envolvendo-os nas atividades e delegando-lhes responsabilidades. O aluno, deixa assim de ser um “recetor humilde e obediente” (Estrela, 2002, p. 38) e passa a estar diretamente envolvido no processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, a relação pedagógica que se estabelece entre o professor e o aluno, torna-se importante para a prevenção da indisciplina na sala de aula.

Seguidamente, apresentamos de forma sucinta, um conjunto de questões que consideramos importantes nas relações interpessoais e favorecedoras de um clima saudável de ensino aprendizagem.

2.1.3.1 Autoconhecimento do professor e conhecimento do aluno

De acordo com Carita e Fernandes (2002), independentemente da sua vontade, os professores possuem o poder de modelagem, isto é, de influenciar os alunos mediante o seu próprio comportamento. Estas autoras afirmam que “por ter uma influência marcante no comportamento do aluno e no seu desenvolvimento pessoal e social, a modelagem deve tornar-se um processo consciente” (p.24). Acrescentam ainda que só assim permitirá que o professor preste atenção ao modo como atua na aula e é observado pelos alunos.

Por outro lado, para gerir melhor as relações interpessoais e o processo ensino-aprendizagem, conforme Carita e Fernandes (2002), é necessário que o professor se auto observe para fazer uma autoanálise no sentido de conhecer-se a si mesmo, que tenha em atenção a sua conduta e que consiga prever os reflexos dela nos alunos. Este conhecimento permite que o professor reflita sobre a maneira como é percebido pelos alunos e, “manipular com cuidado uma das mais importantes variáveis da sala de aula – ele próprio” (Carita e Fernandes, 2002, p. 32).

As mesmas autoras defendem que o autoconhecimento consciente de si permite um melhor conhecimento do aluno e uma relação interpessoal caracterizada pela abertura e transparência, pelo cuidado e atenção para com o outro e pela interdependência de um em relação ao outro (p. 32).

Ainda segundo Carita e Fernandes (2002) o conhecimento das necessidades, sentimentos, opiniões ou características pessoais do aluno é um importante instrumento de prevenção de indisciplina dado o clima de maior proximidade que potencia e o facto de permitir prever quer os problemas, quer respostas e soluções mais ajustadas.

2.1.3.2 Comunicação pedagógica

A relação pedagógica “assenta na comunicação e do modo como ela é estabelecida depende o sucesso do ato pedagógico” (Carita e Fernandes, 2002, p. 41).

Para Amado (2001) “a comunicação pedagógica orienta as percepções dos alunos sobre o que foi dito ou mostrado, estimula o desenvolvimento das competências linguísticas, desafia as capacidades de aprendizagem e define a relação entre os comunicantes” (p. 86).

Para Estrela (2002) “todo o ato pedagógico é essencialmente um ato de comunicação visando induzir a aprendizagem de um saber” (p. 60). A mesma autora enumerou algumas estratégias facilitadoras da comunicação e promotoras de um clima de disciplina: a distribuição equitativa da comunicação por todos os alunos da aula, obtida pela eficaz utilização do espaço da sala de aula, promove um clima de disciplina, na medida em que os alunos não envolvidos na comunicação com o professor, “manifestam comportamentos de desinteresse e fuga à tarefa ou o que acontece mais frequentemente, enveredam por comportamentos desviantes mais perturbadores da aula” (p. 64).

Estrela (2002) realça a importância da comunicação que o professor estabelece com os alunos na transmissão de expectativas. “Através da comunicação que estabelece com os alunos, o professor vai-lhes transmitindo, consciente ou inconscientemente, as expectativas que formula a seu respeito, expectativas que levam os alunos a agirem em sua conformidade” (p.71).

Desta forma, segundo Estrela (2002), se os professores manifestarem atitudes positivas, de confiança no aproveitamento e comportamento do aluno, este desenvolve uma imagem positiva de si, esforça-se mais nas tarefas escolares e obtém melhores resultados.

A criação de condições favoráveis à comunicação, onde haja um clima de abertura, de confiança e de transparência entre o professor e o aluno, permite o desenvolvimento de uma boa relação pedagógica, facilitando assim o processo de ensino-aprendizagem.

2.1.3.3 Espaço e tempo

De acordo com Estrela (2002), a relação pedagógica é também condicionada pelo espaço físico e tempo.

Esta autora defende que a escola, enquanto espaço físico é um lugar de hierarquias e a ocupação de espaços marca a diferença entre as pessoas. “Desde os muros que separam a escola do mundo, às áreas de circulação restrita, à localização do gabinete do

diretor aos espaços reservados aos professores, tudo concorre para fortalecer uma certa ordem estabelecida” (p.42), muitas vezes limitando a interação entre os membros da comunidade educativa.

Também Estrela (2002) defende que o espaço da sala de aula não é menos estruturado e hierarquizado que o espaço da escola. A sala de aula transforma-se em espaço pedagógico onde se processa a transmissão intencional do saber e se dá a criação de relação pedagógica. Esta mesma autora, ressalta que:

Pelas suas dimensões, configuração, densidade de ocupação, possibilidades de utilização e condições de apropriação, o espaço facilita ou inibe a relação do professor e dos alunos e destes entre si, marca-lhes limites, assinala papeis e consagra estatutos, veicula normas e valores (Estrela, 2002, p.42).

Para Amado (2001), a organização espacial dos mobiliários e a consequente disposição dos alunos e do professor, é um suporte imprescindível do processo de ensino-aprendizagem e da vida relacional na aula.

Estrela (2002) defende que a constante mudança do lugar dentro da sala gera perda de tempo e fomentam situações de indisciplina, ocasionam a despersonalização dos espaços e a consequente irresponsabilização pela sua conservação e embelezamento, desligando também a relação pedagógica.

A mesma autora refere que a relação pedagógica também é regulada pelo tempo institucionalmente definido e acrescenta que:

O tempo escolar raras vezes consegue atingir um equilíbrio, acabando quase sempre por subordinar o ritmo do aluno que se sente os ritmos da aula desajustados aos seus ou à natureza das tarefas, o que origina sentimentos de perda ou de ganho de tempo.

Neste sentido, cabe ao professor, valorizar o espaço e tempo, procurando o equilíbrio, assumindo o papel de organizador, dinamizador e gestor do processo de ensino e aprendizagem.

2.2 Gestão corretiva da indisciplina

Entendemos que a melhor estratégia para gestão da indisciplina é a prevenção, ou seja, agir antes, antecipar os comportamentos incorretos. Todavia, Amado (2001), salienta que por mais que se procure prevenir, nem todos os desvios serão evitáveis. Segundo este autor os procedimentos disciplinares corretivos possuem como o objetivo principal o de gerir as situações corrigindo mais do que punindo. “Trata-se de procedimentos múltiplos, encadeados entre si de modos diversos, articulados com a personalidade do professor e,

certamente, com o clima da turma e com a fase da aula” (Amado, 2000, p.40). Por sua vez, Estrela (2002), considera que quando falha a prevenção e ocorrem comportamentos de indisciplina, há lugar para a intervenção corretiva do professor. Nesta perspetiva, segundo esta autora, agir ou não agir e escolher as formas adequadas de intervenção dependerá essencialmente da leitura que o professor faz da situação, “leitura em que se integram as variáveis referentes ao aluno e à situação em que o comportamento ocorre, a experiência de situações idênticas e as crenças e teorias implícitas do professor sobre a educação, o ensino e a (in) disciplina” (2002, p.98).

Considerando que não existe receitas aplicáveis a qualquer situação ou a qualquer turma, Estrela (2002) defende que as soluções são geralmente construídas momento a momento, sob a pressão dos acontecimentos e a necessidade de uma resposta imediata e adequada, exigindo hábitos de reflexão na ação.

Para a mesma autora é conveniente intervir no tempo certo para evitar o aumento dos acontecimentos, devendo a intervenção centrar-se na regra infringida e não na pessoa do infrator; ser justo, não fazer ameaça que não se cumprem ou que seriam injustas se cumpridas; manter o papel de adulto não entrando em discussão sobre o comportamento observado (2002).

Como já afirmamos, a indisciplina na sala de aula é um fenómeno multifatorial. Deste modo, a sua gestão, quer na perspetiva preventiva quer na perspetiva corretiva, requer uma análise do contexto antes de qualquer intervenção.

Neste sentido, Amado e Freire (2009) afirmam que tal como as conceções de disciplina e de indisciplina são sempre relativas a um determinado contexto, também a interpretação dos procedimentos de correção depende das finalidades e dos significados que lhes atribui quem os aplica, bem como das leituras e interpretações tanto daqueles que a eles estão sujeitos, como daqueles que os observam direta ou indiretamente, uma vez que, o que em determinados contextos pode ser visto como um estímulo à mudança de comportamento, noutros pode ser visto como um castigo.

Amado (2001) faz uma divisão ou classificação de tipos de processo de correção da indisciplina utilizado habitualmente pelos professores na aula: correção pela integração/estimulação, correção pela dominação/imposição e correção pela dominação/ressocialização. Segundo este autor não se trata apenas de uma simples divisão e classificação, visto que, entre os de integração e os de dominação existe uma

grande diferença de atitudes interativas e de objetivos pedagógicos por parte do professor que as utilizam.

2.2.1 Correção pela integração/ estimulação

Referindo-se à correção pela integração/estimulação, Amado (2001), esclarece que esse processo consiste em tentativas de resolução dos problemas através do estabelecimento de diálogo com os alunos em situações que já não são as de prevenir mas as de corrigir.

Estamos diante de procedimentos em que o professor, mais do que eliminar as oposições, tenta integrá-las nos seus próprios objetivos, apelando à participação, negociando ou tentando aquilo que Estrela designa de inculcação normativa: um conjunto de procedimentos que visam a interiorização das normas, regras e valores que devem orientar o comportamento dos alunos na aula (Amado, 2001, p.172).

O mesmo autor sublinha que a correção pela integração/estimulação procura fazer prevalecer as bases pessoais do poder do professor, as bases do poder normativo, em que há um apelo à regra, ou a partilha dos poderes com os alunos, que são convidados a expressar o seu ponto de vista, a clarificação de propósitos e pontos de vista sobre a situação, a procura de alternativas comportamentais (2001).

O professor, sendo um gestor, um organizador do ensino aprendizagem, vê o aluno como um sujeito ativo capaz de participar nas negociações e tomada de decisões sobre os aspetos que dizem respeito ao funcionamento da sala de aula, sendo a manutenção da disciplina um deles.

Uma outra estratégia eficaz para a correção da indisciplina é, segundo Amado (2001), a aproximação ao aluno no interior da aula. Este autor elenca um conjunto de estratégias utilizadas pelos professores, no âmbito de correção da indisciplina através da aproximação ao aluno:

- O elogio, o aplauso imediato, o prémio do bom comportamento;
- As promessas e negociações; trata-se de proceder com o objetivo de o comportamento conflituoso não alcançar maiores desenvolvimentos, convidando os alunos a expressarem os seus pontos de vista e a trabalharem no sentido de construírem um acordo de trabalho.
- Tentativas de persuasão que podem adquirir formas como: estimulação de autoestima; estimulação do altruísmo; a modelação através do exemplo dos pares.

2.2.2 Correção pela dominação/imposição

Este tipo de correção traduz-se, na prática, nas “formas distintas de admoestação, de ameaça e de uma atitude geral de intimidação e representa uma base de poder legítimo-coercitivo” (Amado, 2001, p.172).

Este autor assegura que as admoestações e ameaças expressam-se em formas muito variadas, com cargas emotivas desiguais, que vai do simples aviso verbal ou não verbal até às formas afetivamente mais intensas, de tipo patronal ou militar e próprias de professores provocadores do desvios ou dominadores.

O mesmo autor assinala que, fazem parte também da correção pela dominação/imposição, estratégias que Denscomb designa como estratégias militares, de mestria da interação na aula e de atitudes gerais de intimidação. De acordo com Denscombe (citado por Amado, 2001), a estratégia militar de correção dos atos de indisciplina, na prática, traduzem-se na imposição de regras e ordens sobre as quais não se admite qualquer discussão. As estratégias de mestria da interação na aula, por sua vez, assentam num conjunto de atitudes e posturas que demonstram ao aluno que quem tem o poder é o professor e que reforçam, a cada momento, o seu estatuto.

2.2.3 Correção pela dominação/ressocialização

Para Amado (2001) esta estratégia trata-se de procedimento, em que o professor, aparentemente muito próxima da atribuição de um castigo, tem como intenção prioritária, dar ao aluno oportunidade de vir, ainda, a cumprir os objetivos da aula e/ou educativo, reorientando o seu comportamento para parâmetros desejáveis, ou criando condições para essa reorientação.

2.2.4 Outras estratégias de correção de indisciplina

Outro investigador como Blin (1995) elenca um conjunto de estratégias de intervenção com vista a corrigir ou solucionar os problemas do comportamento na sala de aula: Intervenção de base, intervenção por sinais, chamar à ordem, momento de tirar o aluno da sala e contrato de comportamento.

2.2.4.1- A Intervenção de base

Para Blin (1995) a maioria de perturbações que ocorre em aula não é grave (conversas, barulhos, agitações, interrupções, etc.) e é sobretudo, sua repetição que torna a situação difícil. Este autor assinala que a maneira de reagir perante essas perturbações é determinante não só em sua eficácia momentânea, mas também em seu valor educativo, favorecendo o respeito das regras e possibilitando aos alunos que se controlem.

A intervenção de base, segundo o mesmo autor pressupõe as seguintes atitudes:

- Vigilância: O professor deve estar atento ao que se passa na sala e a tempo inteiro. Todavia, para que essa vigilância seja eficaz “é preciso que os alunos sejam convencidos que nada escapa ao professor. Este deve mostrar com atitudes gestuais ou verbais que está a par do que está a acontecer e que intervirá se assim continuar” (Blin, 1995, p.129).

- Tolerância: Alguns comportamentos que não atrapalham tanto, não merecem reações, uma vez que os alunos dificilmente conseguem se manter concentrados, em silêncio e sem se mover durante a aula inteira. Deste modo, o professor, em função da turma, da atividade que está a desenvolver, do estado de agitação dos alunos, poderá adaptar as suas exigências e suas modalidades de intervenção sem, esquecer o respeito às regras.

- Respeito: Qualquer intervenção que visa interromper um comportamento inadequado só pode ser eficaz se mantiver o respeito pelo aluno, e se evitar, dentro do possível, desprestigiá-lo diante dos colegas. Blin (1995) refere que em relação às infrações de menor gravidade, é melhor intervir com descrição, junto ao aluno, sem parar o andamento da atividade, pois a reprimenda pública, interrompe o trabalho e muitas vezes reforça o comportamento perturbador. Há necessidade do professor respeitar o aluno para que este o respeite.

- Calma. Isto é, perante uma situação de indisciplina na sala, é importante que o professor consiga manter a calma ou recuperá-la antes de aplicar uma sanção. Para Blin (1995), o professor ao abordar uma situação com calma e tranquilidade pode servir de exemplo aos seus alunos, mostrando-lhes um comportamento assertivo diante de uma situação conflituosa.

O mesmo autor defende que na maioria das vezes, deve-se reagir rapidamente para impedir que os comportamentos indesejáveis se repitam e evitar um aumento dos problemas que dão origem a uma degradação do ambiente de trabalho.

2.2.4.2- Intervenção por sinais

Conforme Blin (1995), a intervenção por sinais, trata-se de uma estratégia em que o professor mostra ao aluno por meio de sinais que sabe o que está a passar e desaprova o comportamento. Esses sinais devem ser utilizados nas primeiras manifestações de uma perturbação, solicitando que seja logo interrompida. Segundo Jones (citado por Blin, 1995), a disciplina assenta, em parte, na linguagem gestual e sobretudo, no contacto visual, na postura, na expressão de rosto, na linguagem gestual e na aproximação física.

2.2.4.3 Chamar à ordem

Quando as indicações gestuais não podem ser realizadas ou se evidenciarem ineficientes para interromper um comportamento, o professor intervém verbalmente. De acordo com Blin (1995), antes de intervir verbalmente, o professor deve tentar identificar a finalidade do comportamento de indisciplina para adaptar sua ação.

Para este autor quando a perturbação se trata mais de uma inquietação do que uma incivilidade, a intervenção do professor deve ser de forma discreta, junto ao aluno.

Alguns autores (Estrela, 2002 e Blin, 1995), realçam o facto de que a intervenção, o pedido de ordem deve visar o comportamento e não a pessoa do aluno para evitar qualquer tipo de humilhação.

Para que o professor seja mais eficaz na sua intervenção, designadamente no pedido de ordem, Blin (1995) refere que a mensagem deve ser clara e concisa, devendo não só descrever o comportamento a ser interrompido, mas também, indicar o que se espera do aluno, bem como manifestar encorajamento e propor apoiá-lo.

2.2.4.4 O momento de retirar o aluno da sala de aula

Retirar um aluno da sala é uma medida que só é tomada se este continuar a perturbar a aula mesmo depois das advertências e de ter sido sancionado. “Essa medida deve ser tomada com parcimônia e em parceria com a equipa pedagógica para não aumentar a carga emocional” (Blin, 2005, p.135). Para este autor essa medida é inevitável quando o aluno não pode mais ser controlado dentro da sala de aula ou constitui um perigo para seus colegas.

O mesmo autor assegura que o afastamento da sala possibilita ao aluno que se acalme e retorne para a aula quando considerar que pode retomar a atividade em andamento sem perturbar os outros. Afirma ainda que esta prática permite ao aluno indisciplinado ficar mais tranquilo e retomar a atividade escolar de maneira menos hostil do que as ordens compreendidas como expulsão.

Para ter mais eficácia, o autor defende que essa medida deve ser compartilhada pelos membros da equipa pedagógica, que pode propor no local em questão atividades de relaxamento ou resolução de problemas comportamentais.

2.2.4.5 Contrato de comportamento

Trata-se de uma medida que visa “estipular os comportamentos esperados, as consequências em caso de novas perturbações e prever um período de observação do aluno que terminará com um balanço avaliativo em data determinada” (Blin, 2005, p.135). Segundo este autor, esse contrato é estabelecido entre a escola e o aluno na presença da sua família, quando as perturbações continuarem mesmo depois de tomadas as medidas necessárias ou no caso de comportamentos mais graves.

3. Enquadramento legal cabo-verdiano para a indisciplina na escola e na sala de aula

A indisciplina na escola e na sala de aula são reguladas pelas seguintes Leis: Decreto-Lei nº 20/2002 de 19 de Agosto, que define a organização e gestão dos estabelecimentos do ensino secundário público e Lei nº 31/2007, de 3 de Setembro que define estatuto dos alunos dos estabelecimentos do ensino secundário público.

O Decreto-Lei nº 20/2002 de 19 de Agosto define a organização e gestão de estabelecimentos de ensino secundário.

De acordo com o número 1, do artigo 12º do Decreto-Lei nº 20/2002 de 19 de Agosto deste diploma, a gestão pedagógica e administrativa dos estabelecimentos de ensino secundário é assegurada pelos seguintes órgãos: Assembleia da Escola, Conselho Diretivo, Conselho Pedagógico e Conselho de Disciplina.

Os problemas disciplinares são regulados pelo conselho de Disciplina que de acordo com o artigo 45º do Decreto – Lei nº 20/2002 de 19 de Agosto, é o órgão encarregado de prevenir e resolver os problemas disciplinares no estabelecimento de ensino secundário.

O artigo 46º da mesma lei, estabelece que o referido órgão é composto pelo presidente, um coordenador de disciplina, um delegado dos pais e encarregado de educação, dois diretores de turma e um delegado dos alunos.

De acordo com o artigo 47º deste diploma, a este órgão compete:

- Identificar situações potencialmente geradoras de indisciplina no seio dos alunos, professores e pessoal não docente e adotar medidas com vista a evitar condutas disciplinares; divulgar e promover a informação jurídico-disciplinar nas escolas;
- Sensibilizar a comunidade escolar e a sociedade local para questões de disciplina escolar; promover palestras mesas redondas programas radiofónicos, divulgação de boletins e tudo o mais que se entender conveniente para uma maior formação moral e cívica dos alunos;
- Propor ao Conselho Pedagógico e ao Conselho Diretivo as medidas julgadas convenientes para melhorar a boa disciplina no estabelecimento de ensino; propor formas de ocupação dos alunos que tenham sido suspensos da frequência das aulas;
- Resolver os problemas disciplinares dos alunos que não tenham sido solucionados ao nível da turma sob proposta do Diretor de Turma;

- Analisar e propor a instauração de processos disciplinares em que estejam envolvidos professores e demais funcionários da escola;
- Instruir e apreciar os processos disciplinares, com a exceção dos que digam respeito a docentes que sejam membros dos conselhos diretivo, pedagógico e de disciplina da escola.

O artigo 48º do DL nº 20/2002, refere que o conselho de disciplina reúne-se ordinariamente, uma vez por mês e extraordinariamente sempre que for necessário.

O Decreto-lei nº 31/2007 de 3 de Setembro, define o estatuto do aluno dos estabelecimentos públicos do ensino secundário.

Este diploma estabelece os deveres bem como os direitos dos alunos dos estabelecimentos públicos do ensino secundário. Determina as intervenções e as responsabilidades dos professores, das escolas, dos órgãos de gestão dos estabelecimentos de ensino, e de toda a comunidade educativa. Define também que, os direitos e deveres dos encarregados de educação são objeto de consideração, isso na esteira da ordem constitucional que reconhece a Família como sendo o elemento fundamental e a base de toda a sociedade.

Nos artigos 12º e 13º deste diploma estão definidos os direitos e deveres dos alunos, respetivamente.

De entre os deveres, destacamos os seguintes: “comportar-se com apuro, asseio, moderação na linguagem e delicadeza no trato; tratar com respeito e urbanidade qualquer elemento da comunidade educativa respeitando as instruções do pessoal docente e não docente; respeitara a propriedade dos bens de todos os elementos da comunidade educativa; cumprir o regulamento interno e demais legislação aplicável” (Art. 13º).

O artigo 19º deste diploma, estabelece que a violação de qualquer dever prevista no estatuto do aluno ou no regulamento interno da escola, em termos que se revelam perturbadores do normal funcionamento das atividades da escola ou das relações no âmbito da comunidade educativa, constitui infração passível de aplicação de medida pedagógica e de integração ou de medida disciplinar sancionatória.

De acordo com o nº 1 do artigo 21º do estatuto do aluno, as medidas pedagógicas destinam-se a prevenir ou a conter infrações que atentem contra o normal funcionamento das atividades ou das relações na comunidade educativa, visando, de forma sustentada,

o cumprimento dos deveres do aluno, podendo ainda ser aplicadas até à efetiva execução de medidas disciplinares sancionatórias.

De acordo com o nº1, art. 21º do DL- nº 31/2007 de 3 de Setembro, as medidas pedagógicas destinam-se a prevenir e ou a conter infrações que atentem contra o normal funcionamento das atividades ou das relações na comunidade educativa, visando de forma sustentada o cumprimento dos deveres do aluno, podendo ainda ser aplicadas até à efetiva execução de determinadas medidas disciplinares sancionatórias”. Segundo o nº 2, do artigo 21º do mesmo diploma, as medidas de integração tem como finalidade a correção do comportamento perturbador com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena inserção na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e das suas aprendizagens.

No nº 4, do artigo 21º deste diploma, estão elencadas as seguintes medidas pedagógicas e de integração:

- Advertência;
- Submissão do aluno ao controlo específico de substâncias proibidas;
- Apresentação periódica no gabinete do conselho diretivo;
- Participação comunitária do aluno na realização de atividades de manutenção de instalação e equipamentos educativos.

3.1 Medidas disciplinares sancionatórias

O mesmo diploma, no seu artigo 26º, determina que as medidas disciplinares sancionatórias têm em primeiro lugar objetivos pedagógicos, visando a correção do comportamento do aluno, que se revelar contrário às normas de conduta e de convivência descritas no estatuto do aluno.

São medidas disciplinares sancionatórias aplicáveis aos alunos:

- a admoestação;
- Ordem de saída do local onde se realizam as atividades pedagógicas;
- Repreensão dada pelo conselho de disciplina, por intermédio do seu presidente;

- Suspensão de frequência das aulas até oito dias;
- Suspensão de frequência das aulas não superior a um ano e expulsão.

Tendo em conta o problema que nos levou a fazer esta pesquisa é necessário abordar a ordem de saída, como uma das medidas disciplinares sancionatórias.

Sendo assim, de acordo com o número 2, do artigo 29º do estatuto do aluno, a ordem de saída é uma medida disciplinar sancionatória a ser utilizada pelo docente ou pelo responsável pela atividade em situação que impedem a continuação do processo de aprendizagem, podendo o aluno, permanecer no interior da escola, pelo tempo de duração da aula ou da atividade. Trata-se de uma medida aplicável nos casos em que o aluno tiver repetido seguintes comportamentos que perturbem o processo de aprendizagem dos restantes alunos. São eles:

- Circular dentro da sala de aula ou outro espaço onde se realiza a aula sem autorização;
- Realizar tarefa alheia a aula em curso;
- Perturbar o andamento da aula com conversas e gestos e outras formas de expressão;
- Recusa de realização de tarefas expressamente indicada pelo professor;
- Manifestar falta de interesse nos trabalhos de grupo;
- Realização de jogos e outras atividades que perturbam o normal funcionamento da aula;
- Utilizar aparelhos eletrónicos ou outros materiais de diversão dentro da sala de aula.
- Comparecer na sala visivelmente em estado de embriaguez ou sob o efeito do consumo de estupefaciente ou de substância psicotrópicas.

Capítulo II

4. Contextualização

4.1 Caracterização da escola objeto de estudo

Para fazer uma caracterização do contexto procedemos à análise de alguns documentos de referência, designadamente o plano anual de atividades da escola, alguns dados de indisciplina do ano letivo 2011/2012 e dados do RGPH 2010 realizado pelo Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (INECV).

Desta forma podemos afirmar que a escola está localizada na zona de Achadinha, na Cidade da Praia- Cabo Verde. A referida escola está implantada num bairro com vários problemas sociais destacando-se, entre outros, a pobreza, alcoolismo, consumo de estupefacientes, violência / guerras constantes entre grupos de jovens delinquentes. Estes problemas não favorecem um clima de paz social, estabilidade, não constituem referências do bom comportamento e de bons exemplos na sociedade, refletindo diretamente no comportamento das crianças, adolescentes e jovens na escola e na sala de aula.

Trata-se de um bairro que cresceu de forma desordenada, sem qualquer plano urbanístico, carecendo de uma melhor organização.

Segundo os dados do RGPH 2010 realizado pelo INECV, o bairro de Achadinha, tem uma população total de 8483 habitantes, sendo 51,6% (4379) são do sexo feminino e 48,4% (4104) do sexo masculino.

O quadro a seguir ilustra as características da população servida pela escola objeto de estudo.

Tabela 1: Características da população servida pela escola.

Sexo	População residente	Sexo do representante do agregado familiar	Idade		
			Menos de 15 anos	Entre 15 e 64 anos	Mais de 65 anos
M	4104	1265	1156	2750	194
F	4379	1107	1226	2825	323
Total	8483	2372	2382	5576	517

Fonte: INE CV

Da análise da tabela 1 podemos verificar que, à semelhança da população do país, o barro de Achadinha é habitada maioritariamente pela mulher, cerca de 51,6%. Podemos ainda afirmar que a maioria do agregado familiar é representada por homem.

Ainda de acordo com RGPH 2010, a população da Achadinha apresenta os seguintes níveis de escolaridade:

Tabela 2: Distribuição da população segundo sexo e nível de instrução.

Sexo	Nunca frequentou	Pré-escolar	Alfabetização	EB	ES	C. Médio	Bacharel/Superior
M	273	173	20	1441	1564	29	347
F	574	178	29	1336	1558	45	381

Fonte INECV

Da observação da tabela 2 constatamos que a maioria da população desse bairro possui escolaridade ao nível do ensino básico ou secundário. Podemos também verificar que um número significativo da população feminina nunca frequentou.

Ainda de acordo com a mesma fonte, da totalidade da população desse bairro, 76.1% da população ativa ocupada é masculina, 2.8% é desempregada e 21.1% é inativa. Relativamente à população feminina, 61% é ativa ocupada, 5.6% é desempregada e 33.8% é inativa.

Constatamos também que, de acordo com os dados de RGPH 2010, 37,1% da população do referido bairro habita em moradia independente e 62,9% habita em apartamento.

Da totalidade da população de Achadinha, 67.7% vive do trabalho, 11.7% a cargo de família residente em Cabo Verde, 2.3% vive a cargo da família residente no estrangeiro. Constatamos também que 1.1%, 6%, 4.9% e 1.1% da população vive do rendimento de propriedade/empresa, da reforma, de pensão e apoio social respetivamente. Verificamos ainda que 4.9% da população vive de outro meio.

Além da ESRS, o bairro conta ainda com algumas infraestruturas como escola do ensino básico, polidesportivo, mercado municipal, centro de saúde. A escola está cercada por vários estabelecimentos comerciais como lojas, bares e restaurantes e mercado municipal.

A escola Regina Silva

A referida escola funciona num edifício construído para o Ensino Básico Integrado, não garantindo, á partida, as melhores condições para o funcionamento do Ensino Secundário.

De acordo com a estatística da escola, no presente ano letivo, ela possui um total de oitocentos e noventa e três (893) alunos (385 do 3º ciclo do ensino básico, 297 do 9º ano e 211 do 10º ano), sendo quatrocentos e setenta e três do sexo feminino e quatrocentos e vinte do sexo masculino, do sétimo ao décimo ano de escolaridade, distribuídos por vinte e quatro turmas.

Das vinte e quatro turmas, apenas duas têm número de alunos inferiores a trinta. As restantes têm um número elevado de alunos, sendo que algumas chegam a ter quarenta e três a quarenta e cinco. Por isso, a superlotação das salas de aula é uma realidade nessa escola.

A ESRS possui um total de quarenta e sete professores. Destes, um possui doutoramento, quatro têm mestrados, vinte são licenciados, quatro frequentam formação e apenas um não tem qualquer formação. Dos professores formados, trinta e seis possui formação na área de ensino e oito tem formação noutras áreas.

Dos quarenta e sete professores, apenas 2 (4,25%) tem menos de três anos a lecionar nessa escola, pelo que podemos afirmar que há estabilidade relativamente ao pessoal docente.

A escola não possui um projeto educativo nem regulamento interno. Contudo, as suas ações são orientadas pelo plano anual de atividades.

Ela é composta por doze salas de aula, uma sala de informática, gabinete do diretor e subdiretores pedagógico, administrativo e para assuntos sociais e comunitários. Possui também secretaria, um polidesportivo e uma sala para reuniões mas não possui biblioteca.

As salas de aula estão mobiladas com mesas e cadeiras para duas pessoas, dispostas em filas. Está também equipada com quadro negro. Contudo, há na escola computador e data show que podem ser utilizadas nas aulas.

Conforme consta dos registos da escola, é no 3º ciclo do ensino básico (7º e 8º ano) que se verifica maior número de casos de indisciplina e também onde se regista maior

número de medidas disciplinares sancionatória “ordem de saída da sala de aula”. As razões mais frequentes para a aplicação dessa medida foram, principalmente, atitudes de desrespeito aos professores e aos colegas dirigindo-lhes palavras obscenas, perturbação do andamento da aula, entrada na sala aos gritos e agressão física e verbal aos colegas.

Verificou-se também perturbações como conversas paralelas, recusa em realizar atividades propostas pelo professor, sujar a sala de aula outros espaços escolar que mereceram medidas pedagógicas e de integração.

5. Trabalho empírico

A indisciplina é desde há muito tempo considerada como um dos problemas intrínsecos ao funcionamento da sala de aula e da escola. Ao longo dos tempos foi assumindo dimensões diferentes, tornando-se num dos principais para quem leciona. Sendo assim, a indisciplina não pode ser indiferente para a comunidade educativa.

O estudo empírico que desenvolvemos incidiu sobre os professores e alunos do 3º ciclo do ensino básico da escola secundária Regina Silva. Para a sua concretização estabelecemos os objetivos da investigação que referimos no ponto seguinte.

5.1 Objetivos específicos da investigação empírica

No ponto 2 definimos os objetivos gerais do presente estudo. Esses objetivos, desdobram-se nos seguintes objetivos específicos:

- Conhecer as causas da indisciplina na sala de aula da escola Regina Silva (E. R. S);
- Identificar os incidentes disciplinares que ocorrem na sala de aula;
- Conhecer as formas de prevenção e correção da indisciplina mais comumente adotados pelos professores da escola Regina Silva;
- Conhecer o perfil dos alunos indisciplinados da escola objeto de estudo;
- Saber que condutas motivam a ordem de saída dos alunos da sala de aula;
- Saber onde os alunos ficam quando recebem ordem de saída da sala de aula e em que se ocupam durante o tempo em que estejam fora da sala;
- Identificar o perfil dos professores que registam alguns casos de indisciplina na sua aula;
- Conhecer a conceção dos professores e dos alunos sobre a indisciplina;
- Saber o que os professores sugerem para prevenir e corrigir a indisciplina;

5.2. Metodologia

Para a realização deste trabalho utilizaremos como metodologia de investigação, o estudo de caso descritivo, visto que é uma metodologia adequada ao estudo de fenómenos humanos complexos, permitindo a análise aprofundada de casos particulares. Segundo Yin (2001) o estudo de caso é uma metodologia de investigação empírica que

investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos.

A opção pelo estudo de caso justifica-se também, pelo fato de que segundo Yin (2005, citado por Deus, Cunha, e Maciel, 2010) o estudo de caso é uma investigação empírica, um método que abrange o planeamento, técnicas de recolha de dados e análise dos mesmos.

5.3. O público alvo

A presente investigação se centrará junto dos professores e alunos do 3º ciclo do ensino básico, por ser ali que se tem registado maiores casos de indisciplina.

5.4. Técnicas de recolha de dados

Tendo em conta o problema, os objetivos e o contexto, utilizamos as seguintes técnicas de recolha de dados.

- A pesquisa bibliográfica.

- Análise documental, uma “operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e referenciação” tendo por objetivo “dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação” (Bardim, 2011, p. 47).

Deste modo recorreremos à recolha de dados, através de análise documental de documentos da escola sobre a qual recai o nosso estudo, designadamente o plano anual de atividades e os dados sobre a indisciplina.

- Inquérito por questionário aos professores e aos alunos.

Para dar cumprimento ao objetivo do nosso estudo, selecionamos um método que nos desse a possibilidade de quantificar os dados recolhidos e tirar daí algumas conclusões.

Sendo assim, elaboramos um inquérito por questionário “de administração direta” (Quivy e Campenhoudt, 2008, p.188), uma vez que é o próprio inquirido que o preenche, destinado aos professores e aos alunos. Para esses autores este método é adequado

quando se pretende fazer “análise de um fenômeno social que se julga poder apreender a partir de informações relativas aos indivíduos da população em questão” (p. 189), o que parece ajustar-se ao nosso estudo.

Uma vez que pretendemos fazer uma abordagem centrada na metodologia quantitativa, o inquérito por questionário pareceu-nos ser o instrumento mais adequado. Assim, elaboramos um questionário para professores e um outro para alunos, ambos constituídos na sua maioria por questões fechadas e alguma abertas. De acordo com Ghiglione e Matalon (1993), “do ponto de vista da análise dos resultados, as questões fechadas são mais cómodas”(p. 128). Pensamos construir um questionário acessível a todos os inquiridos, que permitisse a expressão das suas opiniões acerca do problema em estudo.

5.5. Técnicas de análise de dados

Como técnicas de análise de dados optamos pela análise estatística dos dados do inquérito por questionário.

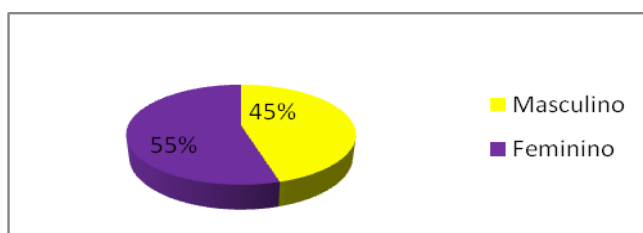
5.6. Aplicação do questionário

Depois de apresentados os objetivos do questionário, foi distribuído a todos os professores do 3º ciclo da ESRS, 18 questionários. Os questionários foram devidamente preenchidos e devolvidos na sua totalidade, o que corresponde a uma taxa de retorno de 100%. A escolha dos professores desse ciclo deveu-se ao fato de ser nesse nível de ensino que tem registado mais casos de indisciplina. Foi também distribuído aos alunos de três turmas do 8º ano da referida escola, 112 questionários. A escolha das três turmas foi alheatória. Foram devolvidos a totalidade dos questionários, contudo só foram considerados 110, visto que 2 deles não estavam totalmente preenchidos, o que corresponde a uma taxa de retorno de 98,2%. Sendo assim, a população discente em estudo representa uma amostra de 58.8% em relação ao número total dos alunos do 8º ano da referida escola.

5.6.1 Alunos inquiridos

Como já referimos, a nossa amostra é constituída por 110 alunos, dos quais 54.5% (60) são do sexo feminino e 45.5% (50) são do sexo masculino, conforme se pode verificar na figura 1.

Figura 1: Género



De acordo com os dados recolhidos verificamos que a idade dos alunos inquiridos está compreendida entre 12 e 15 anos. Sendo que predomina os alunos com 14 anos que são mais de metade da população discente inquirida, ou seja, 51.8% (57alunos), 32.7% (36) tem 15 anos, 14.6% (16) tem 13 anos e 0.9% (1) tem 12 anos.

Perguntamos aos alunos se alguma vez reprovou e obtivemos as seguintes respostas: Dos 110 inquiridos, quase metade já reprovou, sendo que, 13.6% (15) já reprovou mais do que uma vez, 35.5% (39) já reprovou uma vez. Apenas 50.9% (56) declarou que nunca reprovou.

No que se refere à zona de residência registamos alunos provenientes de várias localidades, nomeadamente Achadinha, Eugénio Lima, Pensamento, Calabaceira, Safende, S. Pedro, Achada S. Felipe, S. Martinho e Trindade.

Observamos que 34.5% (38) dos inquiridos vivem só com a mãe, 30.9% (34) com a mãe e o pai, 19.1% (21) com os avós, 10% (11) com a mãe e o padrasto e 5.5% (6) vive só com o pai.

5.6.2. Análise dos dados obtidos através da aplicação do questionário aos alunos

Neste ponto apresentamos os resultados obtidos através do questionário, e sempre que se justificar apresentaremos a nossa interpretação dos mesmos.

Relativamente à prática e frequência dos comportamentos indisciplinados na sala de aula, 84.5% (93) dos inquiridos declaram que poucas vezes tiveram comportamento incorreto, sendo que destes 48.1% (53) são do sexo feminino e 36.4% (40) são do sexo masculino. Apenas 15.5% respondeu que nunca teve comportamento incorreto.

Constatamos que dos alunos que afirmam que alguma vez teve comportamento incorreto, 30% (33) são alunos que já reprovaram no 3º ciclo.

Procuramos saber junto dos alunos inquiridos que tipo de atos de indisciplina é mais praticado na sua sala de aula. Assim, da análise das respostas verificamos que as infrações mais assinaladas são «conversar com os colegas» referidos por 52.7% (58) dos alunos, «sair do lugar sem autorização» foi assinalado por 34.5% (38) dos inquiridos, «discutir com os colegas» e «agredir colegas» foram assinalados por 27.2% (30) e 15.5% (17) dos alunos respetivamente. Já os comportamentos menos assinalados são «interromper o professor propositadamente» 7.3% (8), «discutir com o professor» 4.5% (5), «ameaçar o professor» e «brincar com telemóvel ou outros equipamentos eletrónicos» foram os comportamentos menos assinalados por 2.7% (3) e 1.8% (2), respetivamente. Já dizer palavras ofensivas e danificar o material não foram assinalados por nenhum dos inquiridos.

Perante atos de indisciplina dos alunos na sala de aula, espera-se que o professor atue no sentido de pôr fim a esses comportamentos. Sendo assim, procuramos saber junto dos alunos quais são as medidas disciplinares mais utilizadas pelos professores para pôr fim ao comportamento incorreto. Assim, relativamente a essa questão, podemos verificar pela observação da tabela 3 que mais de metade dos alunos inquiridos (69) afirmam que a medida disciplinar que é muito usada pelos professores é a queixa ao encarregado de educação e a ordem de saída da sala (expulsão) é apontado pelos alunos (58) como sendo a segunda medida mais utilizada. Os alunos (55) referiram que a chamada de atenção para a necessidade do cumprimento das regras que não estão a ser cumpridas é uma medida que os professores usam muitas vezes.

Da análise da tabela 3, podemos ainda verificar que 58 alunos afirmaram que uma outra medida muito usada pelo professor é «reprensão imediata dos alunos infratores» e 53 apontam o «diálogo com o aluno no momento da infração» como uma medida disciplinar muito usada pelo professor. Embora esta parece ser uma medida necessária, trata-se de uma ação que ao mesmo tempo que interrompe o comportamento perturbador pode levar a perda de muito tempo letivo.

Podemos constatar também que os alunos assinalaram as medidas «aguarda pelo fim da aula e conversa com o aluno sozinho» bem como «estabelecer acordos com os alunos» foram assinaladas, respetivamente por 61% e 41% dos alunos, como medidas pouco usada pelos professores para pôr fim aos atos de indisciplina na sala de aula.

No que diz respeito a «utilização dos gestos ou sinais pelos professores para interromper comportamento perturbador», notamos que há uma divisão de opiniões em que 36%

afirma que é pouco usada e a mesma percentagem de alunos referem que essa medida não é usada.

Com base na observação da tabela 3, podemos afirmar ainda que de entre as medidas mais usadas pelos professores para interromper o comportamento perturbador destaca-se uma medida sancionatória, a ordem de saída do aluno da sala (expulsão da sala de aula) assinalada por 53% dos inquiridos.

Tabela 3: Medidas disciplinares adotadas pelos professores.

Questões		Muito usada	Pouco usada	Não é usada
8 a) lembra a necessidade do cumprimento da(s) regra(s) que não está(ão) a ser cumprida(s).	Freq.	55	37	18
	%	50%	34%	16%
8 b) Repreende de imediato o(s) aluno(s) em falta.	Freq.	58	37	15
	%	53%	34%	14%
8 c) Utiliza gestos ou sinais para interromper o comportamento perturbador do(s) aluno (s).	Freq.	30	40	40
	%	27%	36%	36%
8 d) Dialoga com o aluno no momento da infração.	Freq.	53	38	19
	%	48%	35%	17%
8 e) Ordena a saída (expulsa) do (s) aluno(s) da sala.	Freq.	58	48	4
	%	53%	44%	4%
8 f) Aguarda o fim da aula e conversa com o(s) aluno(s) sozinho(s).	Freq.	16	67	25
	%	15%	61%	23%
8 g) Faz ameaças e intimidações.	Freq.	12	40	58
	%	11%	36%	53%
8 h) Faz queixas ao encarregado de educação.	Freq.	69	28	13
	%	63%	25%	12%
8 i) Estabelece acordos com o(s) aluno(s).	Freq.	30	45	37
	%	27%	41%	34%
8 j) Outro	Freq.	0	0	0
	%	0%	0%	0%

No que diz respeito à «ordem de saída da sala de aula» (questão 9), a observação da tabela 4 permite-nos conferir que mais de metade dos alunos sendo, 39 alunos do sexo masculino e 29 do sexo feminino, afirmam que, alguma vez, já lhe foi aplicada essa medida. Contudo, 18 alunos do sexo masculino e 24 do sexo feminino referem que não lhe foi aplicada essa medida disciplinar. Esses dados testemunham a preferência dos professores pela utilização da ordem de saída dos alunos da sala.

Podemos verificar ainda, através da análise da tabela 4 que mais de 60% dos alunos inquiridos afirmaram que já recebeu ordem de saída da sala.

Tabela 4: Gênero versus recebeu ordem de saída.

Aluno	Recebeu ordem de saída		Não recebeu ordem de saída	
	M	F	M	F
Frequência	39	29	18	24
%	35%	26%	16%	22%

Constatamos na questão 9.1 uma diversidade de razões para ordenar a saída dos alunos da sala. Assim, de acordo com os alunos inquiridos que já recebeu ordem de saída da sala, as razões para essa decisão são perturbação/conversas com os colegas durante a aula, falta de materiais didáticos (fichas, livros), atirar objetos para o colega, recusa de realização dos trabalhos propostos, comer/mastigar pastilhas elásticas durante a aula e brincar com o telemóvel.

5.6.3. Causas e consequência da indisciplina

No que diz respeito às causas da indisciplina que tem ocorrido na aula (questão 10) apresentamos os resultados obtidos na tabela 5.

Tabela 5: Causas de indisciplina.

Causas	Frequência
a) Numero elevado de alunos por turma	64
b) Desinteresse dos alunos	87
c) O aluno não gosta do professor	9
d) Aula desinteressante	64
e) Pouca firmeza na aplicação das regras (regras formais).	39

Analisando os dados apresentados na tabela 5, verificamos que mais de dois terços dos inquiridos (87) referem que uma das causas da indisciplina é o desinteresse dos alunos. Constatamos também, que o número elevado de alunos por turma é assinalado por 64 alunos como a segunda causa de condutas incorretas. Realçamos, por outro lado, o fato de 64 alunos referirem a aula desinteressante como causa de indisciplina e para 39 alunos a razão da indisciplina é pouca firmeza na aplicação das regras.

Podemos afirmar que na opinião dos alunos, os atos de indisciplina que tem ocorrido na sala de aula é da responsabilidade da organização da turma que tem um número elevado de alunos, dos alunos pela falta de interesse que demonstram e dos professores pela

pouca firmeza na aplicação das regras e pela maneira como transmite os conteúdos que torna a aula desinteressante.

Relativamente às consequências da indisciplina podemos destacar que 82 alunos referem que a indisciplina origina a perda de muito tempo da aula, 78 alunos são de opinião que ela pode levar ao abandono escolar e 75 inquiridos assinalaram que esse fenómeno gera stress no professor.

Tabela 6: Consequências da indisciplina.

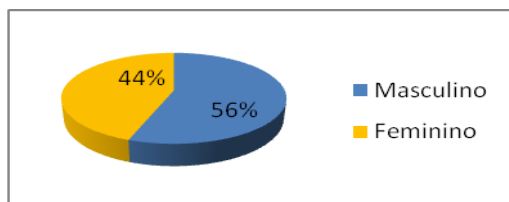
Consequências.	Frequências
Não tem nenhuma consequência.	4
Gera stress no professor.	75
Pode levar ao abandono da profissão docente.	26
Origina perda de muito de aula.	82
Diminui o aproveitamento dos alunos.	54
Pode levar o aluno a abandonar a escola.	78
Pode gerar delinquência.	68
Pode contribuir para a exclusão social.	26

Ressaltamos ainda que 68 alunos afirmam que a indisciplina pode gerar a delinquência e 54 afirmam que diminui o aproveitamento dos alunos.

5.6.4. População docente inquirida

A nossa amostra do pessoal docente é constituída por 18 professores do 3º ciclo do EB da ESRS, ou seja, a totalidade dos professores desse ciclo. Dos 18 professores, 56% (10) são do género masculino e 44% (8) são do género feminino conforme se pode constatar pela análise da figura seguinte.

Figura 2: Género dos docentes.

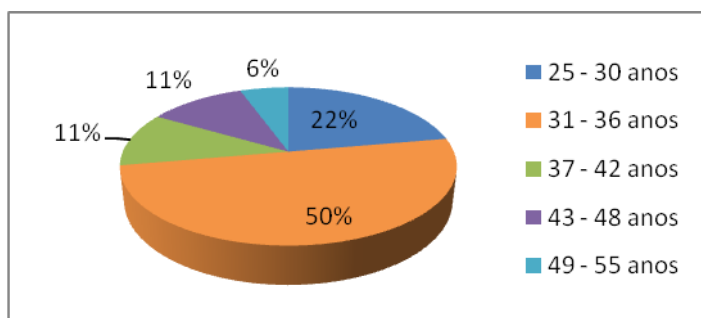


Da observação da figura podemos verificar que os professores do 3º ciclo da ESRS são maioritariamente masculino.

No que diz respeito a idade dos professores inquiridos, figura 3, metade dos professores estão na faixa etária entre 31 e 36 anos (9 = 50%), 22% () se encontram entre 25 e 30

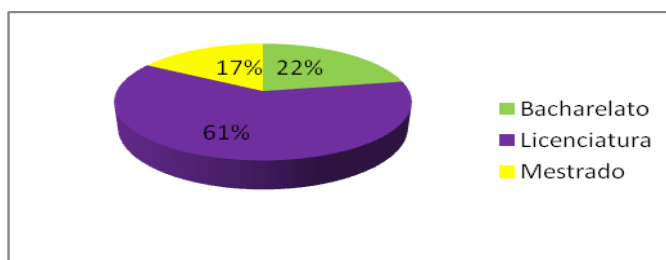
anos. Igualmente com 11% (2) são os professores com a idade entre 37 e 42 anos e entre 43 e 48 anos. Apenas 6% (1) tem entre 49 e 55 anos.

Figura 3: Faixa etária.



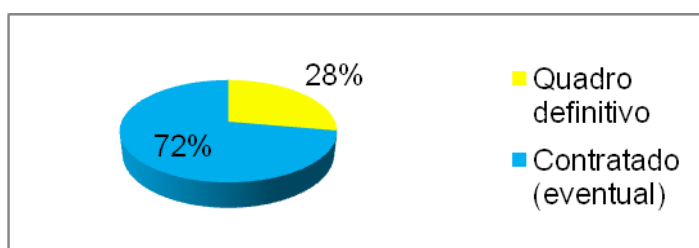
No que se refere a habilitações académicas, figura 4, trata-se de uma amostra em que predomina os indivíduos com habilitações ao nível de licenciatura (61%). Os restantes graus académicos bacharelato e mestrado com 22% e 17% respetivamente.

Figura 4: Habilitações académicas.



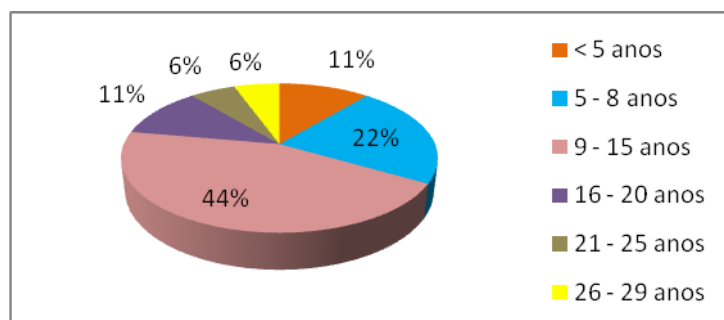
Na figura 5, podemos observamos que mais de dois terços dos professores inquiridos 72% (13) são professores com a categoria profissional eventual (professor contratado) e apenas 28% (5) são do quadro definitivo.

Figura 5: Vínculo profissional.



Relativamente ao tempo de serviço dos docentes, a figura 6, indica-nos que 44% dos professores inquiridos encontram-se a lecionar entre 9 e 15 anos. Entre os 5 e 8 anos estão a exercer a sua atividade profissional 22% dos docentes. Igualmente com 11% encontram-se os professores que lecionam a menos de 5 anos e entre 11 e 16 anos. Apenas 6% dos professores inquiridos lecionam há mais de 21 anos.

Figura 6: Tempo de serviço.



Estes dados revelam que os professores que lecionam neste ciclo de ensino possuem uma certa experiência, uma vez que quase metade já exerce a sua atividade profissional há mais de 9 anos.

5.6.5. Conceito de indisciplina

No que concerne aos comportamentos de indisciplina e a classificação que os professores atribuem quanto a sua gravidade, apresentamos na tabela 7, os resultados obtidos.

A análise da tabela 7, permitiu-nos constatar que os comportamentos de indisciplina considerados como mais graves (classificados com 5), pela maioria dos professores inquiridos são «ameaçar professor» (94.4%), «agredir colegas» (89.0%), «discutir com o professor» (83.3%) e «dizer palavras ofensivas» (83.3%). Estas condutas, segundo os três níveis de indisciplina propostos por Amado (2000), se enquadram no segundo e

terceiro nível de indisciplina, por pertencerem a comportamentos de maior gravidade que põe em causa a autoridade dos professores e pode levar a dificuldades das relações entre os alunos.

Tabela 7: Conceitos de indisciplina.

Questões 6	1 menos grave 5 mais grave					
		1	2	3	4	5
a) Conversar com os colegas.	Freq. %	7 38.8	4 22.2	1 5.5	5 27.7	1 5.5
b) Desobedecer as regras estabelecidas (regras formais).	Freq. %	0 0.0	0 0.0	5 27.7	7 38.8	6 33.3
c) Sair do lugar sem autorização.	Freq. %	4 22.2	5 27.7	4 22.2	2 11.1	3 16.6
d) Discutir com os colegas.	Freq. %	0 0.0	1 5.5	4 22.2	6 33.3	7 38.8
e) Ameaçar colegas.	Freq. %	1 5.5	1 5.5	0 0.0	2 11.1	14 77.7
f) Agredir colegas.	Freq. %	0 0.0	1 5.5	0 0.0	1 5.5	16 89.0
g) Interromper o professor propositadamente.	Freq. %	0 0.0	1 5.5	2 11.1	7 38.8	8 44.4
h) Dizer palavras ofensivas.	Freq. %	0 0.0	1 5.5	0 0.0	2 11.1	15 83.3
i) Discutir com professor.	Freq. %	0 0.0	1 5.5	0 0.0	2 11.1	15 83.3
j) Ameaçar professor.	Freq. %	0 0.0	1 5.5	0 0.0	0 0.0	17 94.4
k) Danificar o material.	Freq. %	0 0.0	0 0.0	2 11.1	8 44.4	8 44.4
l) Brincar com telemóvel/ equipamentos eletrónicos.	Freq. %	0 0.0	1 5.5	4 22.2	8 44.4	5 27.7

«Ameaçar colegas», «interromper o professor propositadamente» foram comportamentos também classificados com gravidade 5 por uma percentagem elevada dos professores, 77.4% e 44.4% respetivamente.

«Danificar o material», e «brincar com o telemóvel ou outros equipamentos eletrónicos» é classificado com gravidade 4 por quase metade dos professores.

O comportamento considerado menos grave, com classificação 1, por mais de um terço de professores inquiridos (38.8%) foi «conversar com os colegas», sendo que 27.7% atribuem-lhe a gravidade 4.

Podemos dizer que a opinião dos professores se divide relativamente a gravidade do comportamento «conversar com os colegas» destacando-se a classificação de menos grave. Contudo, esse comportamento, sendo considerado por 38.8% dos professores

inquiridos, como menos grave, foi referido pelos alunos inquiridos como a causa que mais motivou a aplicação da ordem de saída da sala.

O comportamento que provoca uma divisão entre os professores, foi «sair do lugar sem autorização», uma vez que 22.2%, 27.7% e 22.2% dos professores classificaram esse comportamento com a gravidade 1, 2 e 3 respetivamente.

Alguns comportamentos apresentados na tabela anterior tiveram uma frequência um pouco dividida, o que nos faz concordar com Carita e Fernandes (2002), quando afirmam que é difícil fazer uma caracterização generalizável da indisciplina, visto que há determinadas condutas que assumem conotações entre diversos professores.

Um outro comportamento que gera muita divisão entre os professores foi «desobedecer as regras estabelecidas», visto que, 27.7% atribuíram-lhe a gravidade 3, 38.8% consideram-no de gravidade 4 e 33.3% classificaram de mais grave ou muito grave.

Quanto as causas dos comportamentos indisciplinados que têm ocorrido na sala de aula (questão 7), apresentamos os resultados obtidos na tabela seguinte.

Tabela 8: Causas da indisciplina segundo os professores.

Causas de indisciplina	Frequência
Número elevado de alunos por turma	17
Desinteresse dos alunos	11
Desestruturação familiar	10
O aluno não gosta do professor	4
Influência dos meios de comunicação social	2
Aula pouco atrativa.	3
Pouca firmeza na aplicação das regras (regras formais).	7
Na minha aula não ocorre comportamentos indisciplinados.	1
Outra (Falta de materiais didáticos)	1

Da observação da tabela 8, verificamos que uma clara maioria de professores inquiridos (17) indicam que a causa de comportamentos indisciplinados que tem ocorrido na sua aula é o número elevado de alunos por turma. Este fato leva-nos a recordar Estrela (2002), que numa das suas investigações elencou um vasto conjunto de causas de indisciplina, entre as quais se destaca turmas numerosas.

Constatamos também que o desinteresse dos alunos e a desestruturação familiar são causas indicadas respetivamente por 11 e 10 professores inquiridos.

Realçamos também o fato de mais de um terço de professores inquiridos (7) referirem a pouca firmeza na aplicação das regras (regras formais) como a causa da indisciplina na sala de aula.

As causas, o aluno não gosta do professor e aula pouco atrativa, são na opinião de 4 e 3 professores respetivamente uma das causas da indisciplina na aula. Por outro lado, verificamos que a falta de materiais didáticos também é causa para ordenar a saída dos alunos da sala.

Podemos afirmar que de acordo com os professores inquiridos os comportamentos indisciplinados que ocorrem na sala de aula são causados pelos fatores relacionados com a organização da turma, a família, o aluno e o professor.

Estabelecendo uma comparação entre as opiniões dos alunos e professores relativamente as causas de indisciplina, verificamos que o «número elevado de alunos por turma» é referido por 17 (94.4%) professores e 64 (58.3%) alunos. Relativamente ao «desinteresse dos alunos» um número significativo de professores 11 (61%) e 87 (79%) alunos assinalaram-no como uma das causas do comportamento indisciplinado na sala. Dessa comparação verificamos que há uma semelhança entre as respostas dos professores e dos alunos relativamente às duas causas de indisciplina assinaladas acima. A percentagem de inquiridos que assinalam o «número elevado de alunos por turma e desinteresse dos alunos» como causas de indisciplina deixa perceber que essas são as principais causas do comportamento de indisciplina na sala de aula da escola em estudo.

Relativamente a consequências de indisciplina na sala de aula (questão 8), a análise da tabela 9, permite-nos verificar que a maioria de professores inquiridos (15), indica que a indisciplina reduz o aproveitamento dos alunos. Mais de dois terços dos professores inquiridos declaram que a indisciplina na sala de aula pode conduzir ao abandono escolar. Constatamos também que 10 professores inquiridos consideram que a indisciplina gera stress no professor.

Contudo, as opiniões se dividem em relação às consequências produz a perda de muito tempo letivo e delinquência, assinalados igualmente por 9 professores. A indisciplina pode contribuir para a exclusão social foi uma consequência assinalada por 8 professores inquiridos.

Tabela 9: Consequências da indisciplina.

Consequências	Frequência
Não tem nenhuma consequência	0
Gera stress no professor	10
Pode levar ao abano da profissão docente	1
Produz a perda de muito tempo letivo	9
Reduz o aproveitamento do aluno	15
Diminui a autoestima dos alunos	4
Pode conduzir ao abandono escolar	13
Delinquência	9
Pode contribuir para a exclusão social	8

Realçamos também, o fato de apenas 1 professor afirmar que a indisciplina pode levar ao abandono da profissão docente.

Da análise das tabelas 6 e 9 relativamente a consequências da indisciplina, verificamos que 10 (55.5%) professores e 75 (68.2%) alunos concordam que a indisciplina «gera stress no professor», 15 (83%) professores e 54 (49.1%) alunos são de opinião que «reduz o aproveitamento do aluno» e 13 (72.2%) professores e 78 (70.9%) alunos referem que a indisciplina «pode conduzir ao abandono escolar». No que diz respeito às consequências da indisciplina verifica-se uma concordância nas respostas dos professores e dos alunos.

Relativamente às leis que regulam a indisciplina, procuramos saber como os professores as avaliam quanto à sua utilidade (questão 9). Na tabela 10 apresentamos as respostas.

Tabela 10: Avaliação da utilidade das leis segundo os professores.

Leis		Classificação			
		Pouco útil	útil	Muito útil	Não Conheço
Estatuto do aluno do E. secundário.	Freq.	2 11.1%	9 50%	5 27.8%	2 11.1%
Regulamento interno da sua escola.	Freq.	1 5.5%	4 22.2%	4 22.2%	9 50%

Pela análise da tabela 10, apuramos que 50% (9) dos professores inquiridos consideram útil o estatuto do aluno do ensino secundário, 27.8% (5) avaliam-no como muito útil. Realçamos que, igualmente, 11.1% (2) dos professores inquiridos vêem o estatuto de pouca utilidade o estatuto do aluno do ensino secundário ou afirmam que não o conhecem.

No que diz respeito ao regulamento interno da escola onde realizou esta pesquisa, destacamos o fato de metade do pessoal docente inquirido (50%) afirmar que não conhece essa lei. Essa lei, foi avaliada também por 22.2% dos professores como útil ou muito útil. Também a mesma lei foi vista por 5.5% dos professores como pouco útil.

Com o objetivo de conhecer as formas de intervenção ou correção de indisciplina que os professores adotam, formulamos a questão 10, cuja respostas obtidas, apresentamos na tabela 11.

Pela análise da tabela 11, verificamos que a maioria dos professores inquiridos, refere que perante situações de indisciplina as medidas que procuram adotar sempre, são: dialogar com os alunos no momento da infração (55.5%), participar ao diretor de turma (44.4%), utilizar gestos ou sinais para interromper o comportamento perturbador do aluno (38.9). 50% dos professores inquiridos referem que, muitas vezes, participam ao encarregado de educação. Outros procedimentos, muitas vezes, adoptados pelos professores são: evocar a necessidade do cumprimento das regras que não estão a ser cumpridas (44.4%), advertir de imediato os alunos em falta (38.9%) e aguardar pelo fim da aula e conversa com os alunos sozinho (38.9%).

Tabela 11: Procedimentos adotados pelos professores para interromper o comportamento perturbador.

Questão 10		Sempre	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
a) Evoca a necessidade do cumprimento da(s) regra(s) que não está a ser cumprida(s).	Freq. %	6 33.3%	8 44.4%	4 22.2%	0 0.0%
b) Adverte de imediato o(s) aluno(s) em falta.	Freq. %	6 33.3%	7 38.9%	5 27.8%	0 0.0%
c) Utiliza gestos ou sinais para interromper o comportamento perturbador do(s) aluno(s).	Freq. %	7 38.9%	5 27.8%	4 22.2%	2 11.1%
d) Dialogo com o(s) aluno(s) no momento da infração.	Freq. %	10 55.5%	7 38.9%	1 5.6%	0 0.0%
e) Ordena a saída do(s) aluno(s) da sala de aula.	Freq. %	0 0.0%	5 27.8%	13 72.2%	0 0.0%
f) Aguarda o fim da aula e conversa com o(s) aluno(s) sozinho(s).	Freq. %	5 27.8%	7 38.9%	6 33.3%	0 0.0%
g) Recorre a ameaças e intimidações.	Freq. %	0 0.0%	1 5.6%	4 22.2%	13 72.2%
h) Participa ao diretor de turma.	Freq. %	8 44.4%	4 22.2%	6 33.3%	0 0.0%
i) Participa à direção de escola.	Freq. %	1 5.6%	3 16.7%	12 66.6%	2 11.1%
j) Participa ao encarregado de educação.	Freq. %	5 27.8%	9 50%	3 16.6%	1 5.6%
k) Estabelece acordos com os alunos.	Freq. %	4 22.2%	5 27.8%	7 38.9%	2 11.1%

Como já afirmamos, a ordem de saída dos alunos da sala é uma medida disciplinar sancionatória adotada, muitas vezes, por 27.8% (5) dos professores e poucas vezes por 72.2% (13) dos inquiridos. Porém nenhum professor inquirido respondeu que nunca ordenou a saída do aluno da sala. Essa constatação confirma que essa medida é das preferidas dos professores. Neste sentido, procuramos conhecer quem a utiliza e qual(s) a(s) razão (s) motiva(m) a sua utilização.

Deste modo, na questão 11, questionamos os professores se alguma vez utilizou a ordem de saída da sala. Apresentamos os resultados na tabela 12.

Tabela 12: Género versus ordem de saída da sala.

Género	Ordena a saída	Não ordena a saída
Masculino	10	0
Feminino	8	0
Total	18	0

A observação da tabela 12, possibilita-nos afirmar que a ordem de saída é o procedimento adotado pelos professores de ambos os sexos. Isto é, a totalidade dos professores de ambos os sexos adotam a referida medida.

Procuramos estabelecer uma comparação entre o tempo de serviço dos professores e a adoção da medida ordem de saída. Apresentamos os resultados na tabela 13.

No que diz respeito à «ordem de saída da sala» todos os professores inquiridos referem que adotam essa medida. Contudo, constatamos que 38.9% dos professores, com o tempo de serviço entre 9 a 15 anos, declaram que atuam poucas vezes dessa forma. Outros professores que referem ordenar a saída poucas vezes, são os com o tempo de serviço entre «5 a 8 anos» (11.1%) e 5.6% para os com restante tempo de serviço (< 5 anos, entre 16 a 20, 21 a 25 e 26 a 29 anos). Portanto, verificamos que 11.1% dos docentes referem que, muitas vezes, adotam a ordem de saída. 5.6% dos professores com tempo de serviço «menor que 5 anos», entre «9 a 15» e «16 a 20 anos» declaram ordenar, muitas vezes, a saída da sala.

Tabela 13: Tempo de serviço versus ordem de saída.

Tempo de serviço	Sempre	%	Muitas Vezes	%	Poucas Vezes	%	Nunca	%
< 5 anos	0	0.0%	1	5.6%	1	5.6%	0	0.0%
5 – 8 anos	0	0.0%	2	11.1%	2	11.1%	0	0.0%
9 – 15 anos	0	0.0%	1	5.6%	7	38.9%	0	0.0%
16 – 20 anos	0	0.0%	1	5.6%	1	5.6%	0	0.0%
21 – 25 anos	0	0.0%	0	0.0%	1	5.6%	0	0.0%
26 – 29 anos	0	0.0%	0	0.0%	1	5.6%	0	0.0%
Total	0	0.0%	5	27.8%	13	72.2%	0	0.0%

Procuramos fazer uma comparação entre os professores de quadro e os contratados (eventual) no que se refere ao procedimento ordem de saída da sala. Constatamos que, dos docentes que afirmaram ordenar, muitas vezes, a saída de sala, 22.2% são professores contratados. Por outro lado, dos que declararam que, poucas vezes utilizam a ordem de saída da sala, 50% são contratados e 22.2% são do quadro definitivo.

6.6.6. Comportamentos que motivam a ordem de saída dos alunos da sala

Numa das questões pedimos aos professores para identificar as razões que motivam a ordem de saída e das respostas obtidas, enquadrando-as nas situações perturbadoras e de desrespeito às regras, aos colegas e ao professor, designadamente conversas paralelas, palavras obscenas/ ofensivas, agressão ou tentativa de agressão e reincidência nos comportamentos incorretos.

Situações que revelam o desinteresse dos alunos como conversas paralelas, jogar/brincar com telemóvel, brincar com os materiais didáticos.

Vendo as razões que motivam a ordem de saída da sala, julgamos ser oportuno citar Blin (2005) quando afirma que essa medida é inevitável quando o aluno não pode mais ser controlado dentro da sala de aula ou constitui um perigo para seus colegas, o que nos parece que não seja o caso das salas dos professores inquiridos. Torna-se necessário que os professores adotem medidas preventivas no sentido de diminuir as sanções, sobretudo a ordem de saída.

Relativamente ao lugar onde ficam os alunos que recebem ordem de saída da sala, analisamos as respostas e constatamos uma grande divisão das opiniões dos docentes, uma vez que a maioria afirma que os alunos ficam fora do recinto escolar e uma pequena parte dos professores refere que eles ficam no pátio da escola ou á frente/porta da sala a perturbar o funcionamento da aula.

Este fato, em parte, contraria os preceitos do estatuto do aluno do ensino secundário que estabelece que os alunos que recebem ordem de saída da sala devem permanecer no interior das instalações escolares durante o tempo que demorar a atividade. O aluno que recebe ordem de saída da sala deve, durante esse tempo, permanecer num espaço próprio e desenvolver atividades úteis. Por outro lado, essas respostas demonstram que essa medida não beneficia nem o aluno infrator nem os alunos que se encontram em aula e nem o próprio professor que toma essa decisão.

5.6.7. Prática pedagógica

Como já foi afirmado neste trabalho, a prática pedagógica ou gestão pedagógica é uma das responsabilidades do professor e está intimamente relacionada com a manutenção da disciplina na sala de aula, a tabela evidencia as estratégias que os professores inquiridos preveem na planificação e preparação das aulas para prevenir a indisciplina.

Tabela 14: Estratégias que os professores preveem na planificação e preparação das aulas para prevenirem a indisciplina.

Questão 14		Sempre	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
a) Prepara atividades diferenciadas para grupos ou alunos?	Freq. %	2 11.1%	6 33.3%	9 50%	1 5.6%
b) Seleciona as atividades tendo em conta as características da turma?	Freq. %	8 44.4%	6 33.3%	1 5.6%	3 16.6%
c) Planifica atividades alternativas para alunos que acabam os seus trabalhos mais cedo?	Freq. %	3 16.6%	7 38.9%	4 22.2%	4 22.2%

A análise da tabela 14 permite-nos verificar que selecionar atividades tendo em conta as características da turma é uma estratégia dita como sempre prevista por 44.4% dos professores inquiridos. «Preparar as atividades diferenciadas para grupos ou alunos», «selecionar as atividades tendo em conta as características da turma» e «planificar atividades para alunos que acabam os seus trabalhos mais cedo» são referidas como, muitas vezes, previstas pelos docentes. Conferimos também que 50% dos professores inquiridos referem que, poucas vezes, preparam as atividades diferenciadas para grupos ou alunos. Contudo, existe ainda uma percentagem considerável de professores, que refere, que nunca preveem estas estratégias pedagógicas na planificação e preparação de aulas para prevenir a indisciplina, 22.2% e 16.6% respetivamente.

Com o propósito de saber que estratégias os professores referem utilizar no início ou durante o desenvolvimento da aula para prevenir situações de indisciplina, formulamos a questão 15, cujos resultados obtidos estão na tabela 15.

Ao observar a tabela 15, verificamos que «explicar aos alunos os objetivos da aula», «conferir se os alunos compreendem os conteúdos», «negociar com os alunos no início do ano letivo, o estabelecimento de regras» e «explicar aos alunos as consequências da infração das regras» são estratégias que os professores referem utilizar sempre na sua aula (72.2%, 83.3% e 94.4% respetivamente) para prevenir situações de indisciplina. Por outro lado, quando analisamos a tabela 15, para cada uma das estratégias apresentadas, no que se refere ao conjunto de frequências sempre e muitas vezes, constatamos que quase todas elas são referidas como adotadas por mais de 85% dos professores inquiridos.

Tabela 15: Estratégias que os professores referem utilizar no início ou durante o desenvolvimento da aula para prevenir situações de indisciplina.

Questão 15		Sempre	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
a) Explica aos alunos os objetivos da aula?	Freq. %	13 72.2%	2 11.1%	3 16.6%	0 0.0%
Ob) Conferem se os alunos compreendem os conteúdos?	Freq. %	17 94.4%	1 5.6%	0 0.0%	0 0.0%
c) Dá a entender a turma que sabe o que cada aluno está a fazer em cada momento?	Freq. %	6 33.3%	10 55.5%	2 11.1%	0 0.0%
d) Evita tempos mortos entre atividades?	Freq. %	11 61.1%	5 27.8%	1 5.6%	1 5.6%
e) Procura conhecer melhor os seus alunos, (as suas necessidades, sentimentos, problemas, características pessoais, ...) de modo a criar uma forma de proximidade e empatia?	Freq. %	12 66.6%	4 22.2%	2 11.1%	0 0.0%
f) Negoceia com os alunos no início do ano letivo, o estabelecimento de regras?	Freq. %	15 83.3%	3 16.6%	0 0.0%	0 0.0%
g) Explica aos alunos as consequências da infração das regras?	Freq. %	15 83.3%	3 16.6%	0 0.0%	0 0.0%

Ressaltamos também o fato de 66.6% dos docentes inquiridos afirmarem que «procuram conhecer melhor os seus alunos, (as suas necessidades, sentimentos, problemas, características pessoais) de modo a criar uma forma de proximidade e empatia». O conhecimento do aluno é um aspeto importante para prevenção da indisciplina. Este fato, leva-nos a concordar com Carita e Fernandes (2002) quando afirmam que conhecimento é um importante instrumento de prevenção de indisciplina, dado o clima de maior

proximidade que potencia e o facto de permitir prever quer os problemas, quer respostas e soluções mais adaptadas.

5.6.8. Prevenção da indisciplina na sala de aula

A prevenção da indisciplina na aula é um aspeto importante que deve ser levado em consideração na gestão da sala de aula. Neste sentido, procuramos saber o que os professores fazem, individualmente ou em parceria com os colegas para prevenir os atos de indisciplina na aula.

No que diz respeito a atuação dos professores individualmente obtivemos as respostas que dizem respeito, sobretudo, a questões de domínio de gestão da sala de aula, como: apresentação e clarificação das regras de conduta; planificação e preparação das aulas da melhor maneira; uso de tecnologias modernas no desenvolvimento da aula; adoção de medidas de aconselhamento e diálogo com os alunos; aproximação permanente aos alunos mais perturbadores; manter os alunos sempre ocupados; evitar abandonar a sala durante a aula.

Procuramos também, saber o que os professores tem feito em parceria com os colegas para a prevenção de indisciplina. Da análise das respostas, verificamos que no que diz respeito a prevenção da indisciplina, a ação dos professores tem sido de carácter individual. O que referem fazer em parceria com os colegas tem a ver com a correção de situações de indisciplina, designadamente: reunir em conselho de turma para trocar experiência quando acontece casos de indisciplina; falar com os alunos e encarregados de educação no sentido de corrigir os erros.

No que se refere às estratégias de prevenção que a direção tem adotado, verificamos que a maioria de professores inquiridos refere que ela tem realizado algumas palestras/conversas na sala com os alunos ou conversas em particular, reuniões com os encarregados de educação. Asseguram também que o conselho de disciplina reúne para tomada de medidas punitivas como suspender os alunos infratores. Por outro lado, constatamos que uma minoria afirma que a direção nada tem feito para prevenir a indisciplina.

Capítulo III

6. Plano de ação

Durante o ano letivo 2011/12 a situação da indisciplina na ESRS assumiu proporções preocupantes.

Assim sendo, esse problema requer uma reflexão profunda e a tomada de medidas preventivas com vista a diminuir a sua ocorrência. A escola não pode tolerar atos de indisciplina. Há que responder a este fenómeno com energia e eficácia. Neste sentido, ela deve mobilizar toda a comunidade educativa para levar a cabo ações no sentido de superar esse fenómeno e criar um ambiente saudável, de respeito pelo outro, de responsabilidade e de trabalho. Por outro lado, deve adotar alternativas à aplicação excessiva por parte dos professores de medidas sancionatórias, como a ordem de saída da sala de aula dos alunos que praticam atos de indisciplina. Apostar somente na sanção não resulta. Sendo assim, como forma de criar um ambiente aprazível e reduzir a utilização de medidas sancionatórias, concretamente a ordem de saída da sala, torna-se necessária que a escola e os professores passem a adotar medidas preventivas.

O presente plano de ação tem como objetivo desenvolver atividades de prevenção de indisciplina de modo a contribuir para a redução do recurso a medidas disciplinares sancionatórias e corretivas.

Nesta perspetiva, para reduzir o recurso a ordem de saída da sala, em primeiro lugar julgamos ser essencial dotar a escola de um regulamento interno (RI) para que ela passe a dispor de um dispositivo legal e regulador do seu funcionamento. Mas, para que esse instrumento não se configure em letra morta, deve-se proceder à sua divulgação no seio da comunidade educativa para que todos possam o conhecer e o respeitar. É pertinente também, que se faça a definição e divulgação do código de conduta dos professores, dos alunos e dos pais e encarregados de educação para que todos possam conhecer os seus deveres e saibam o que cada um espera de si. Ressaltamos que para a prevenção de indisciplina, todos são chamados a dar o seu contributo. Deste modo, há que definir os papéis de todos os membros da comunidade educativa, na prevenção de indisciplina.

Um outro aspeto fundamental e que foi realçado tanto pelos alunos como pelos professores inquiridos como uma das principais causas da indisciplina na sala tem a ver com o elevado número de alunos por turma e mais firmeza na aplicação de regras iguais para todos. Neste caso, torna-se necessário que a escola, paulatinamente, a começar no

ano letivo 2013/14, proceda à redução do número de alunos por turma, entre outras formas, através da não admissão dos alunos que já perderam o direito de frequência do ensino público. Verifica-se, mais uma vez, a necessidade de um regulamento interno de escola para que haja a aplicação das regras e uniformidade na aplicação de sanções, evitando sanções diferentes para as mesmas infrações.

A escola necessita apostar constantemente na prevenção como forma de reduzir a indisciplina. Essa estratégia requer a criação de um conjunto de condições humanas, materiais e logísticas, nomeadamente a criação de uma equipa multidisciplinar constituído por psicólogo, sociólogo, assistente social e representante dos professores para fazer a receção e integração dos alunos do 7º ano, bem como o acompanhamento e o aconselhamento dos alunos, sobretudo, os que têm um histórico disciplinar ou que ao longo do ano venha revelar comportamentos inadequados. Esta mesma equipa também apoiará a direção na questão disciplinar.

Quando os recursos permitirem, a escola deverá proceder à criação de uma sala de apoio onde os alunos com problemas de indisciplina poderão ser atendidos por técnicos especializados. No entanto, sugere-se a transformação ou a utilização temporária da sala de reunião em sala de apoio aos alunos que em caso de infração grave recebam ordem de saída da sala.

A luta contra a indisciplina tem de ser contínua. Deste modo, todos os anos deverá ser feita a inclusão no plano anual de atividades, de iniciativas relacionadas com a questão disciplinar. A presença da direção junto aos professores, assim como a definição e implementação de medidas disciplinares concertadas, torna-se um aspeto fundamental na prevenção da indisciplina.

Assim, é essencial que nos primeiros dias de aula, no ato de receção dos alunos a direção apresente uma comunicação apelando ao bom comportamento e a um bom ambiente de trabalho na escola e explicitando as consequências e penalizações em caso de comportamento de indisciplina.

Torna-se também necessário que desde o início do ano letivo, a direção disponibilize aos professores e funcionários informações sobre o plano de prevenção e combate à indisciplina, da atenção que a escola vai dar ao problema e dos procedimentos a adotar em caso de comportamentos de indisciplina para que todos possam conhecer e colaborar para a concretização do plano e haja uma uniformidade de atuação nos casos semelhantes.

O estabelecimento de parcerias com instituições locais ou não, visando a disponibilização de espaços e técnicos especializados para o acompanhamento dos alunos com mais problemas de indisciplina no período contrário ao da aula (período não letivo), revela-se importante para a prevenção da indisciplina, uma vez que estes passarão a estar dia todo ocupado com atividades proveitosas afastando, assim um pouco, a possibilidade de receberem influências negativas da rua.

Para elevar a motivação e interesse tanto dos alunos como dos professores e diminuir a possibilidade de desvios de comportamento, torna-se fundamental equipar a escola e as salas de aula com equipamentos/tecnologias modernas de modo a torná-las mais atrativas.

Também acreditamos que é possível reduzir os casos de indisciplina e consequentemente diminuir a utilização da ordem de saída, através da atribuição de “prémios ou benefícios” pelo bom comportamento, como por exemplo usufruir de um equipamento/tecnologia novo ou de um novo espaço na escola.

Apresentamos na tabela seguinte o resumo das possíveis estratégias que a escola poderá adotar, a curto médio e longo prazo para prevenir a indisciplina e diminuir a aplicação de medidas sancionatórias.

Nº	Estratégias	Objetivos	Quem
1.	Elaboração e aprovação do regulamento interno (RI) de escola.	Dotar a escola de um dispositivo legal e orientador do seu funcionamento.	Comunidade educativa
1.1	Divulgação do RI junto de toda comunidade educativa.	Partilhar com a comunidade educativa os princípios do RI.	Direção e professores
2.	Definição e divulgação do código de conduta dos professores, dos alunos e dos pais.	Definir o papel de cada um desses atores.	Direção
3.	Redução do número de alunos por turma no próximo ano letivo.	Acabar com a superlotação das turmas.	Direção

Nº	Estratégias	Objetivos	Quem
4.	Inclusão no plano anual de atividades de iniciativas relacionadas com a questão disciplinar.	Dispensar mais atenção á indisciplina.	Direção e diretores de turma.
5.	Criação de uma equipa multidisciplinar (psicólogo, sociólogo, assistente social, representante dos professores, alunos e pais) para fazer a receção e integração dos alunos do 7º ano, bem como fazer o acompanhamento, aconselhamento dos alunos e auxiliar a direção na questão disciplinar.	Assegurar aos alunos um clima favorável à aprendizagem, à relação interpessoal e auxiliar a direção nas questões disciplinares.	Direção, professores, pais e alunos.
5.1	Criação de uma sala de apoio aos alunos.	Dispor de um espaço para atender e aconselhar os alunos que recebem ordem de saída da sala e não só.	Direção
6.	Informação aos professores e funcionários sobre o plano de prevenção e combate à indisciplina, da atenção que a escola vai dar ao problema e dos procedimentos a adotar em caso de comportamentos de indisciplina.	Possibilitar que todos tenham o conhecimento do plano de prevenção de indisciplina.	Direção professores e pais
6.1	Apresentação de uma comunicação apelando ao bom comportamento e a um bom ambiente de trabalho na escola e explicitando as consequências e penalizações em caso de comportamento de indisciplina.	Demonstrar o interesse em solucionar o problema da indisciplina e a necessidade de contar com a colaboração de todos.	Direção
6.2.	Equipar a escola e as salas de aulas com equipamentos/tecnologias modernas.	Elevar a motivação e o interesse dos alunos.	Direção e parceiros

Nº	Estratégias	Objetivos	Quem
7	Sensibilização dos professores para uma atenção especial em relação ao comportamento disciplinar dos alunos.	Dispor de um corpo docente engajados no combate à indisciplina.	Direção
8.	Criação de “prêmios ou benefícios” pelo bom comportamento, como por exemplo usufruir de um equipamento/tecnologia novo ou de um novo espaço na escola.	Compensar os alunos disciplinados e conseguir que os outros sigam o exemplo.	Direção e parceiros
9.	Estabelecimento de parcerias com instituições locais ou não, visando disponibilização de espaços e técnicos especializados para o acompanhamento de alunos com mais problemas de indisciplina.	Prestar um acompanhamento aos alunos, no período contrário ao escolar.	Direção e parceiros

No segundo ponto deste plano apresentamos as atividades que pretendemos desenvolver no decorrer do ano letivo 2013/14 tendo como principal objetivo contribuir para a redução de aplicação de medidas disciplinares sancionatórias, sobretudo a ordem de saída da sala. A escolha dessas atividades deveu-se ao facto de termos constatado, no inquérito feito que há falta de um RI de escola, bem como a necessidade de atividades de promoção de um ambiente saudável, de respeito, aproximação e de amizade entre os professores, alunos e funcionários da escola e porque acreditamos que com a colaboração de todos poderemos, com a realização dessas atividades, conseguir alcançar os objetivos. Serão desenvolvidas as seguintes atividades:

1.

Elaboração e aprovação do RI de escola pela comunidade educativa. Esse dispositivo legal, partindo de uma proposta de lei, será analisado, discutido e aprovado pela comunidade educativa. Após a sua aprovação serão realizadas atividades de divulgação, designadamente, seminários para os professores, pais e alunos, apresentação e discussão na aula de direção de turma, produção e distribuição de desdobráveis, entre outras.

A elaboração e aprovação do RI será feita durante o primeiro mês do ano letivo 2013/14 e em seguida serão realizadas atividades de divulgação do mesmo que se prolongará até o final do primeiro trimestre. Concretamente, com os alunos as atividades de divulgação do RI, além do primeiro trimestre, serão feitas outras sempre que se justificar.

2.

Promoção de atividades culturais e desportivas entre professores e alunos. Através da realização de eventos desportivos e culturais envolvendo professores e alunos, acredita-se na melhoria do relacionamento e com isso a redução dos casos de indisciplina na sala de aula. Os professores e os alunos também têm a necessidade de conviver entre si fora do ambiente sala de aula, realizando atividades diferentes das do dia-a-dia, designadamente desportivas e culturais.

Estas atividades serão feitas por uma comissão organizadora constituída pelo representante de professores, representante dos alunos e elemento (s) da direção.

Trata-se de uma atividade a levar a cabo várias vezes ao longo do ano letivo, concretamente, no início e no final de cada trimestre e sempre que houver datas comemorativas na escola, nomeadamente aniversário da escola, dia dos professores, carnaval, dia dedicado á cultura cabo-verdiana, entre outras.

Essas atividades serão realizadas porque uma das estratégias da escola deverá ser a redução da indisciplina pela via da prevenção. As infrações disciplinares que tem resultado na ordem de saída dos alunos da sala de aula na escola objeto de estudo não sendo, na sua totalidade, muito grave (conversas paralelas, interromper o professor propositadamente, deslocar dentro da sala sem autorização) são casos que abalam o relacionamento professor/aluno quer dentro ou fora da sala de aula. Deste modo, porque o desporto une os povos, acreditamos que através da realização dessas atividades haverá maior aproximação entre professores e alunos, mais respeito e melhor clima de trabalho na sala de aula.

Verifica-se que quando os alunos desrespeitam o professor deslocando-se dentro da sala sem autorização, interrompem o professor propositadamente ou conversam com os colegas enquanto o professor explica os conteúdos, a relação que existe entre eles está deteriorada e requer um reforço e a melhoria dessa relação. Quando há uma boa relação professor/aluno há mais respeito mútuo, maior responsabilidade, mais comprometimento

com o trabalho e conseqüentemente resulta num melhor ambiente de trabalho e menos indisciplina.

Para realização dessas atividades, em primeiro lugar, será constituída uma comissão responsável pela área de desporto e cultura para fazer a organização e a realização desses eventos. Essa comissão deverá integrar os alunos com histórico disciplinar considerado grave.

Em segundo lugar, a comissão organizadora reunirá para a definição das equipas, do calendário dos jogos e dos eventos culturais, dos convidados, do lema para cada evento e de outros pormenores relevantes.

De entre outros eventos, pretende-se realizar atividades desportivas, recreativas e culturais (torneios de futebol, andebol, entre outros envolvendo professores e alunos, concursos de vozes e dança tradicional e não só, aula de capoeira).

3.

Pretende-se também promover debates entre os alunos sobre (in) disciplina, na aula de DT que vai ser feita pelo diretor de turma. Sempre que possível, a sessão contará com a participação de um convidado.

No primeiro trimestre, essas sessões de debates decorrerão, semanalmente, no primeiro mês e realizar-se-ão mensalmente ou sempre que se justificar, às sextas-feiras, na aula de Direção de turma (DT) até ao final do ano letivo.

Esses debates serão promovidos, porque a sala de aula além de ser um lugar de transmissão de conteúdos, é também um espaço de debates e de confrontação de ideias. Constata-se falta de diálogo entre os professores e alunos. Por isso, os alunos inquiridos clamam por mais diálogo, mais palestras e mais debates de ideias. Segundo eles os professores devem dialogar mais com os seus alunos e ter mais paciência. Pretende-se, deste modo, criar um espaço onde os alunos poderão livremente expressar suas ideias e discutir sobre temas da atualidade da sua sala de aula e da sua escola, como (in)disciplina, onde poderão falar das vantagens de ser disciplinado e desvantagens de ser indisciplinado, regras do comportamento, conseqüências da indisciplina, entre outros.

Essas sessões poderão ser feitas com debates em pequenos grupos, seguindo a apresentação e discussão de temas em plenária. Nessas aulas poderão também ser construídos painéis com frases sobre regras do comportamento, bem como produção de

cartazes sobre o tema disciplina a serem afixados na sala de aula e na escola. Poderão ainda ser desenvolvidas outras atividades que o diretor de turma achar relevante para a sensibilização dos alunos em relação ao tema (in)disciplina.

4.

A quarta atividade que pretendemos desenvolver na ESRS objetivando a prevenção da indisciplina e conseqüente redução da utilização da ordem saída por parte dos professores, tem a ver com a criação de tempo e espaços de discussão, debates e formação:

Formação para professores, alunos e funcionários, pais e encarregados de educação sobre temas variados: relação professor/aluno, aluno/aluno, aluno /funcionário; problemas da relação professor/aluno, aluno/aluno, aluno /funcionário; Gestão de conflitos na sala de aula e na escola; formação sobre boas maneiras, cidadania e clima da escola; outras iniciativas de discussão e debates sobre indisciplina.

As referidas formações serão realizadas por técnicos convidados, uma vez por mês no primeiro trimestre do ano letivo 2013/14 e duas vezes no segundo trimestre e igual número no terceiro trimestre.

A preocupação da escola deverá ser a formação de cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres e conhecedores das regras do comportamento e de convivência na sociedade. Nos tempos que correm a escola não deve ser apenas um lugar de transmissão de conteúdos, mas também, espaço de formação e de promoção de formação e debates, daí a razão da promoção dessas atividades.

6.1. Avaliação das atividades

Qualquer atividade a ser desenvolvida será cuidadosamente planeada. Nesse plano além das atividades, constará, naturalmente, os objetivos. Sendo assim, será também produzida uma ficha de avaliação constituída por uma grelha de observação (para observar os alunos dentro mas também fora da sala de aula) a ser preenchido pelo grupo de trabalho permanente criado para o efeito e um pequeno questionário dirigido aos alunos e aos professores.

Para cada atividade acima descrita, caso haja necessidade, será elaborada uma grelha de observação e um questionário diferente.

Em todas as atividades propostas acima a avaliação decorrerá em três fases: no início da realização das atividades, durante a realização das atividades e no final de cada atividade, quer desportiva ou cultural, quer sessões de formação ou outras aqui propostas. Salientamos que os alunos continuarão a ser observados após o final da realização de cada atividade para avaliar o impacto das mesmas na mudança ou não do comportamento e na redução de casos de indisciplina e conseqüentemente na diminuição de ordem de saída da sala.

Será produzida uma grelha de observação que servirá como instrumento de avaliação das atividades a ser preenchida pelo grupo de trabalho. O mesmo grupo de trabalho também produzirá um pequeno questionário aos professores e aos alunos.

6. 2. Avaliação do plano de ação

A avaliação deste plano é um processo que deverá decorrer em três momentos distintos. No começo, no decorrer da implementação do plano e no final. O que se pretende é avaliar o impacto dessas atividades na redução dos casos de indisciplina. Sendo assim, para o efeito, será criado um grupo de trabalho permanente, constituído pelo pessoal docente, representante da direção e um técnico (psicólogo ou sociólogo) que num primeiro momento fará o levantamento e a organização dos dados da indisciplina referentes ao ano letivo anterior, nomeadamente, o número de faltas, número de participações disciplinares, tipos de infrações, medidas disciplinares aplicadas, entre outras informações. Esse levantamento terá como objetivo fazer a caracterização da situação referente ao final do ano letivo e saber o ponto de partida. Essa avaliação far-se-á no início da implementação do plano (nos primeiros dias do ano letivo).

No segundo momento, ou seja, no decorrer da implementação do plano, o grupo de trabalho implementará um formulário/uma grelha de observação a ser preenchido semanalmente e um pequeno questionário a ser preenchido pelos professores mensalmente para fazer a inventariação dos problemas disciplinares e das medidas adotadas. Será também, elaborado e apresentado um relatório e indicadores trimestrais com a caracterização da situação.

No terceiro momento, isto é, no final do plano o grupo fará o levantamento de dados estatísticos referentes às ocorrências disciplinares para fazer uma comparação com os anos anteriores e com a situação do início do ano letivo, para analisar a eficácia das medidas adotadas, ou seja, avaliar o impacto das atividades na redução de indisciplina.

Elaborará também um relatório com o inventário das medidas preventivas a generalizar ou a reforçar na sala de aula e na escola.

Conclusão

Este trabalho tinha como finalidade apresentar e analisar as várias possibilidades e estratégias, que em nosso entender, possam contribuir para a prevenção de indisciplina como forma de reduzir a aplicação de medidas sancionatórias e corretivas. Para esse efeito, iniciamos o nosso estudo com a revisão bibliográfica, que nos possibilitou a estruturação de um quadro teórico. Analisámos os conceitos de disciplina e indisciplina, apesar destes serem um conceito vago e complexo pelas várias concepções que delas decorrem. Identificamos os vários fatores que podem promover a indisciplina onde analisamos os fatores relacionados com o professor, inerentes ao aluno, fatores sociais e familiares e inerentes à instituição educativa.

Procedemos a abordagem teórica de gestão da indisciplina na sala de aula onde apresentamos algumas estratégias que podem contribuir para a prevenção da indisciplina. Com base nas bibliografias concluímos que existe um conjunto de estratégias essenciais nas relações interpessoais e favorecedoras de um clima saudável de ensino aprendizagem. Sendo assim, a relação pedagógica deve assentar no desenvolvimento do autoconhecimento do professor e conhecimento do aluno, basear-se na comunicação recíproca, no respeito mútuo, no incentivo e encorajamento à realização de todas atividades e nas expetativas positivas centradas em cada aluno.

Para que haja um ambiente de relação pedagógica harmoniosa, propício ao ensino-aprendizagem é fundamental a negociação, a clarificação e explicitação das regras, visto que estas têm um papel fundamental na construção e manutenção de um bom clima disciplinar na sala de aula. Para isso, é importante que o professor promova uma participação ativa dos alunos, envolvendo-os nas atividades e delegando-lhes responsabilidades.

Também o professor deve investir nas competências relacionais com a adequada planificação e desenvolvimento das atividades letivas essenciais á gestão da sala de aula, como meio de promoção de um bom ambiente de ensino-aprendizagem e de redução de desvios de comportamento.

É fundamental ainda que haja consistência e coerência no sistema normativo na manutenção de um bom clima relacional e disciplinar, sendo determinante o papel que os primeiros dias de aula assumem tanto no estabelecimento de regras como nos procedimentos a adotar. É importante também que haja uma ação concertada entre os professores na aplicação das regras.

O professor previne a indisciplina e favorece a aprendizagem, na medida em que estabelece com os alunos um clima de simpatia e respeito, que se traduz na transparência das regras, quer relativas à organização e avaliação do trabalho quer daquelas mais direcionadas à regulação das relações entre as pessoas.

Podemos ainda concluir com base nas bibliografias de referência que existe um conjunto de estratégias de intervenção corretiva de indisciplina, que se o professor reagir atempadamente impede que comportamentos indisciplinados se repitam e evita um aumento dos problemas que dão origem a uma degradação do ambiente de trabalho.

Relativamente ao estudo empírico concluímos que há uma diversidade de causas da indisciplina na sala de aula destacadas pelos alunos, sendo as mais importantes o desinteresse dos alunos, número elevado de alunos por turma, aulas desinteressantes e pouca firmeza na aplicação das regras pelos professores. Para os professores as principais causas da indisciplina são número elevado de alunos por turma, desinteresse dos alunos e a desestruturação familiar.

Como foi referido anteriormente, pelos alunos inquiridos, os incidentes que motivaram a ordem de saída da sala são perturbação ou conversas com colegas durante a aula, falta de materiais didáticos (fichas, livros), atirar objetos para o colega, recusa de realização dos trabalhos propostos, comer/mastigar pastilhas elásticas durante a aula e brincar com o telemóvel.

Todos os professores afirmaram que já utilizaram a ordem de saída da sala como medida disciplinar em situações perturbadoras e de desrespeito às regras, aos colegas e ao professor e situações que revelam o desinteresse dos alunos.

Constatamos no enquadramento teórico que a ordem de saída é uma inevitável quando o aluno não pode mais ser controlado dentro da sala de aula ou constitui um perigo para seus colegas. Sendo assim, perante as razões apresentadas tanto pelos professores como pelos alunos, em nosso entender, os professores devem adotar outras estratégias de intervenção, designadamente as preventivas como forma de diminuir a utilização de medidas sancionatórias.

Verificamos também que um número significativo de alunos que afirmaram no inquérito que já tiveram comportamentos incorretos, são alunos que já reprovaram no 3º ciclo.

Como afirmamos anteriormente mais de metade dos alunos inquiridos, de ambos os sexos, afirmam que já lhe foi aplicada a ordem de saída da sala, quando praticam de atos de indisciplina.

Podemos verificar que a ordem de saída é o procedimento adotado por todos os professores de ambos os sexos. Contudo, uma percentagem significativa dos professores contratados ordena, muitas vezes, a saída da sala.

Como já referimos os alunos que recebem ordem de saída da sala não dispõem de um lugar apropriado para permanecerem durante o tempo que demorar o castigo, ficando nos corredores a perturbar o andamento da aula ou na rua à mercê dos males e influências que rodeiam.

No final deste trabalho, devemos afirmar que tratando-se de um trabalho projeto, quer as conclusões quer as atividades aqui apresentadas com vista a reduzir a utilização da ordem de saída por parte dos professores, são aplicáveis ao contexto estudado, não sendo deste modo, objeto de generalizações, visto que o problema circunscreve-se ao contexto investigado. Porém, estamos conscientes que as atividades aqui apresentadas são um pequeno contributo para a prevenção da indisciplina na sala de aula da ESRS, dada a grande complexidade do fenómeno, requer respostas diversificadas e considerando diferentes situações e contextos.

Referências bibliográficas

Amado, J. S. (2000). *A Construção da disciplina na escola. Suportes teórico-práticos*. Porto: Asa.

Amado, J. S. (2001). *Interação Pedagógica e Indisciplina na Aula*. Porto: Asa.

Amado, j. & Freire, I. (2009). *A(s) Indisciplina(s) na Escola – Compreender para Prevenir*. Coimbra: Edições Almeida.

Bardim, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. 4ª Ed. Lisboa: Edições 70.

Blin, J. F. (1995). *Classes difíceis: Ferramentas para prevenir e administrar os problemas escolares*. Porto Alegre: Artmed.

Carita, A. & Fernandes, G. (2002). *Indisciplina na Sala de Aula - Como prevenir? Como Remediar*. 3ª Ed. Lisboa: Presença.

Costa, J. & Melo, A. (1991). *Dicionário da Língua Portuguesa*. 6ª Ed. Porto: Porto Editora.

Delgado, P. & Caeiro, J. (2005). *Indisciplina em contexto escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.

Estrela, M. T. (1994). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. 2ª Ed. Porto: Porto Editora.

Estrela, M. T. (2002). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. 4ª Ed. Porto: Porto Editora.

Garcia, j. (1999). *A Indisciplina na Sala de Aula: Uma Reflexão sobre a Dimensão Preventiva*. *Revista Paraná Desenvolvimento*. V. nº 95, p.101 – 108.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta

Jesus, S. (1996). *Influência do Professor sobre os Alunos*. *Cadernos Pedagógicos*. Porto: Asa.

Meirinhos, M. e Osório, A. (2010). *O Estudo de Caso Como Estratégia de Investigação em Educação*. Vol. 2 (2), *Inovação, Investigação em Educação*. IPB.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 5ª ed. Lisboa: Gradiva.

Silva, M. (1999). *Indisciplina na Aula. Um problema dos nossos dias. Cadernos Pedagógicos*. Porto: ASA.

Vasconcellos, C. (2004). *(In) disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. 15ª Ed. São Paulo: Libertad Editora.

Veiga, F. H. (1999). *Indisciplina e violência na escola: Práticas Comunicacionais Para Professores e Pais*. Lisboa: Globo.

Yin, R. (2001). *Estudo de Caso: Planeamento e Métodos*. 2ª Ed. Porto Alegre: Bookman.

Legislação

Decreto-Lei nº 20/2002 de 19 de Agosto. Lei de Organização e Gestão dos Estabelecimentos do ensino Secundário.

Decreto-Lei nº 31/2007 de 3 de Setembro. Estatuto do aluno.

Suporte eletrónico

Deus, Cunha, e Maciel (2010). Estudo de Caso na Pesquisa Qualitativa na Educação: Uma metodologia. Disponível em http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_14.pdf acedido em 06/07/2012.

Lima, H., Santos, S. & Abranches, S. (2009). Práticas Escolares e os Casos de Indisciplina. Acedido em 25/07/2012, em http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2009.1/prticas%20escolares%20os%20casos%20%de%20indisciplina.pdf.

Martins, E. (2009). No Cenário da Escola (Re) Vemos a Disciplina Versus Indisciplina Escolar. Revis. Querubim, v. 1, nº8, acedido em 18/09/2012, em www.repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/909.

Picado, L. (2009). A Indisciplina em Sala de Aula: Uma abordagem comportamental e Cognitiva. Acedido em 28/08/2012, em www.psicologia.com.pt.

Rodrigues, C. & Rodrigues, I. (2011). Indisciplina Escolar: Perceção dos Professores Sobre a Indisciplina. Veredas Favip - Revista Eletrónica de Ciências-v. 4, nº 1, disponível em, 23/08/2012, em

[www.http://veredas.favip.edu.br/index.php/veredas1/article/viewFile/173/161](http://veredas.favip.edu.br/index.php/veredas1/article/viewFile/173/161) em acedido em 14/10/2012.

Silva, M. & Neves, I. (2006). Compreender a (In) disciplina na Sala de Aula: Uma Análise das relações de Controlo e de Poder. *Revista Portuguesa de Educação*. V. 19, nº 1, Universidade do Minho. Braga. Portugal. pp. 5-41. Acedido em 23/08/2012, em [www.http://redalyc.uaemex.mx/pdf/374/37419102.pdf](http://redalyc.uaemex.mx/pdf/374/37419102.pdf).

Apêndices

Apêndice I: Questionários.

Questionários

Questionário aos professores

Estimados colegas,

O presente questionário faz parte de um trabalho de investigação sobre, “A Indisciplina na Sala de Aula”, inserido no mestrado em Administração de Organizações Educativas na Escola Superior de Educação do Porto, e tem por finalidades desenhar um plano de ação que ajude os professores e a escola a gerir as questões de indisciplina.

Neste sentido pedimos a sua colaboração para o preenchimento deste questionário. As respostas são confidenciais, por favor não se identifique

I. Dados pessoais e profissionais

1. Género M F

2. Faixa etária

< 25 anos 25 – 30 31 – 36 37 – 42 43 – 48
49 – 55 >55 anos

3. Habilitações académicas

Sem nenhuma formação Bacharelato Licenciatura Mestrado
Doutoramento Outro

Se respondeu outro, especifique: _____

4. Categoria profissional

Quadro definitivo Eventual

5. Tempo de serviço

< 5 anos 5 – 8 9 – 15 16 – 20 21- 25
26 – 29 30 – 32 > 32 anos

II. Conceitos de Indisciplina

6. Dos comportamentos indisciplinados indicados, classifique-os quanto a sua gravidade (1 menos grave e 5 mais grave).

	1	2	3	4	5
Conversar com os colegas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desobedecer às regras estabelecidas (regras formais).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sair do lugar sem autorização.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Discutir com os colegas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ameaçar colegas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agredir colegas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interromper o professor propositadamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dizer palavras ofensivas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Discutir com professor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ameaçar professor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Danificar o material.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Brincar com telemóvel ou outros equipamentos eletrónicos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

III. Causas e consequências da indisciplina

7. Identifique as causas dos comportamentos indisciplinados que têm ocorrido na sua aula. Pode assinalar mais de que uma opção.

- a) Número elevado de alunos por turma.
- b) Desinteresse dos alunos.
- c) Desestruturação familiar.
- c) O aluno não gosta do professor.
- d) Influência dos meios de comunicação social.
-

e) Aula pouco atrativa.

f) Pouca firmeza na aplicação das regras (regras formais).

g) Na minha aula não ocorre comportamentos indisciplinados.

h) Outra (s):

7.1. Se respondeu outra (s), identifique-a (s).

8. Identifique as consequências da indisciplina (pode assinalar mais do que uma opção).

a) Não tem nenhuma consequência.

b) Gera stress no professor.

c) Pode levar ao abandono da profissão docente.

d) Produz a perda de muito tempo letivo.

e) Reduz o aproveitamento dos alunos.

f) Diminui a autoestima dos alunos.

g) Pode conduzir ao abandono escolar.

h) Delinquência.

i) Pode contribuir para a exclusão social.

j) Outra(s).

9.1 Se respondeu outra (s), identifique-a (s): _____

9. Avalia a utilidade das leis que regulam a indisciplina?

	Pouco útil	Útil	Muito útil	Não conheço
O estatuto do aluno do ensino secundário.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Regulamento interno da sua escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

10. Como atua perante situação de indisciplina na aula:

	Sempre	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
a) Evoca a necessidade do cumprimento da(s) regra(s) que não está(ão) a ser cumprida(s).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Adverte de imediato o(s) aluno(s) em falta.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Utiliza gestos ou sinais para interromper o comportamento perturbador do(s) aluno(s).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Dialoga com o(s) aluno(s) no momento da infração.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Expulsa o(s) aluno(s) da sala de aula.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Aguarda o fim da aula e conversa com o(s) aluno(s) sozinho(s).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g) Recorre a ameaças e intimidações.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h) Participa ao Diretor de turma.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
i) Participa à direção de escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
j) Participa ao encarregado de educação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
k) Estabelece acordos com os alunos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
l) Outra (s)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

10.1 Se respondeu outra(s), especifique-a(s). _____

11. Alguma vez utilizou a ordem de saída do aluno da sala (expulsão)?

Sim Não

a) Se a sua resposta for sim, identifique os comportamentos que motivaram a tomada dessa medida?

R: _____

b) Se respondeu sim, com que frequência utiliza essa medida?

Sempre Muitas vezes Poucas vezes Raramente

11. Onde ficam os alunos que recebem ordem de saída da sala (alunos expulsos) durante o tempo que estão fora da sala de aula?

R: _____

12. Há algum acompanhamento do aluno que recebeu ordem de saída, durante o tempo que está fora da sala de aula?

Sim Não

18.1 Se respondeu sim, quem acompanha esses alunos?

R: _____

18.2 Se respondeu sim, que atividade(s) o aluno(s) desenvolve durante o tempo em que está fora da sala?

R: _____

IV. Prática Pedagógica

13. Na planificação e preparação das aulas:

	Sempre	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
a) Prepara atividades diferenciadas para grupos ou alunos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Seleciona as atividades tendo em conta as características da turma?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Planifica atividades alternativas para alunos que acabam os seus trabalhos mais cedo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

14. No início ou durante o desenvolvimento da aula:

	Sempre	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
b) Explica os alunos os objetivos da aula?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Confere se os alunos compreendem os conteúdos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Dá a entender a turma que sabe o que cada aluno está a fazer em cada momento?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Evita tempos mortos entre as atividades?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Procura conhecer melhor os seus alunos, (as suas necessidades, sentimentos, problemas, características pessoais, ...) de forma a criar uma forma de proximidade e empatia?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g) Negoceia com os alunos no início do ano letivo, o estabelecimento de regras?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h) Explica aos alunos as consequências da infração das regras?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

V. Prevenção da indisciplina na sala de aula

15. O que tem feito (individualmente) para prevenir a ocorrência de atos de indisciplina na sua sala?

R: _____

16. O que tem feito em parceria com os colegas que lhe permite encontrar soluções para prevenir a indisciplina na sala de aula?

R: _____

17. O que a direção da escola tem feito para prevenir a ocorrência de atos de indisciplina?

R: _____

18. Considera preparado(a) para lidar com a indisciplina?

Preparado Pouco preparado Incapaz

19. O que acha que deve ser feito para a prevenção da indisciplina?

R: _____

Muito obrigado pela sua colaboração!

Questionário aos alunos

Estimados alunos,

O presente questionário faz parte de um trabalho de investigação sobre, “A Indisciplina na Sala de Aula”, inserido no mestrado em Administração de Organizações Educativas na Escola Superior de Educação do Porto, e tem por finalidades desenhar um plano de ação que ajude os professores e a escola a gerir as questões de indisciplina.

Neste sentido pedimos a sua colaboração para o preenchimento deste questionário, as respostas são confidenciais, por favor não se identifique.

Dados pessoais

1. Género

Masculino Feminino

2. Alguma vez reprovou?

Sim Não

Se respondeu sim, diz em que ano(s)?

R: _____

3. Zona de residência.

R: _____

4. Com quem vive?

Mãe e pai Só com a mãe Só com o pai Com a mãe e o padrasto
Com os avós Com a tia ou tio Com irmã/irmão maior Outro

Se respondeu outro, diz com quem. _____

5. Alguma vez teve comportamento (s) incorreto (s) na sala de aula?

Sempre Muitas vezes Poucas vezes Nunca

5.1 Se já teve comportamento incorreto, assinale qual ou quais o(s) comportamento(s) indicados costuma ter (pode assinalar mais do que uma).

- Conversar com os colegas.
- Desobedecer às regras estabelecidas (regras formais).
- Sair do lugar sem autorização.
- Discutir com os colegas.
- Ameaçar colegas.
- Agredir colegas.
- Interromper o professor propositadamente.
- Dizer palavras ofensivas.
- Discutir com professor.
- Ameaçar professor.
- Danificar o material.
- Brincar com telemóvel ou outros equipamentos eletrónicos.

6. Das medidas disciplinares indicadas, assinale as que são mais utilizadas pelos professores para pôr fim ao comportamento incorreto dos alunos.

	Muito usada	Pouco usada	Não é usada
a) Lembra a necessidade do cumprimento da(s) regra(s) que não está(ão) a ser cumprida(s).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Repreende de imediato o(s) aluno(s) em falta.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Utiliza gestos ou sinais para interromper o comportamento perturbador do(s) aluno(s).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Dialoga com o(s) aluno(s) no momento da infração.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Expulsa o(s) aluno(s) da sala de aula.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Aguarda o fim da aula e conversa com o(s) aluno(s) sozinho(s).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Faz ameaças e intimidações.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g) Faz queixas ao encarregado de educação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h) Estabelece acordos com os alunos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
i) Outro <input type="checkbox"/>			

6.1 Se assinalou outro, identifique qual.

7. Alguma vez foi expulso(a) da sala de aula?

Sim Não

7.1 Se respondeu sim, porque foi expulso (a)?

R_____

8. Identifique as causas dos comportamentos indisciplinados que têm ocorrido na sua sala. Pode assinalar mais do que uma opção.

- a) Número elevado de alunos por turma.
- b) Desinteresse dos alunos.
- d) O aluno não gosta do professor.
- f) Aula desinteressante.
- g) Pouca firmeza na aplicação das regras (regras formais).
- h) Outra:

8.1 Se assinalou outra, diz qual. _____

9. Identifique as consequências da indisciplina (pode assinalar mais do que uma opção).

- Não tem nenhuma consequência.
- Gera stress no professor.
- Pode levar ao abandono da profissão docente.
- Origina a perda de muito tempo de aula.
- Diminui o aproveitamento dos alunos.
- Pode levar o aluno a abandonar a escola.
- Pode gerar delinquência.
- Pode contribuir para a exclusão social.
- Outra(s).

10. O que acha que os professores, a direção da escola e os alunos devem fazer para diminuir o comportamento incorreto dos alunos?

Professor

Direção da escola

Aluno

Muito obrigado pela sua colaboração!

Apêndice II: Carta ao diretor da escola.

Carta ao diretor da ESRS

Exmo. Sr. Diretor da ESRS

Celestino Tomás Tavares Teixeira, estudante do 2º ano do mestrado em Administração de Organizações Educativas, na Escola Superior de Educação do Porto, vem por este, solicitar a Vossa Excelência, autorização para aplicação de um inquérito por questionário aos professores e alunos do 3º ciclo do ensino básico, bem como fazer uma breve caracterização da escola e análise de alguns documentos como o plano anual de atividades, estatísticas, respeitando sempre a condição de anonimato dos dados recolhidos.

Estes procedimentos fazem parte de um trabalho de investigação sobre “A indisciplina na sala de aula”, inserido no mestrado acima referido.

Agradeço, desde já a V. Excelência a atenção.

Pede deferimento,

Melhores cumprimentos

03/10/2012

O requerente

Celestino Tomás Tavares Teixeira